

RelevO

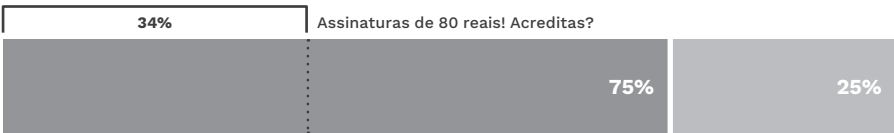
Agosto de 2026 // número 13 // ano 16
ISSN 2525-2704 // Periódico literário
independente feito em Curitiba-PR
desde setembro de 2010





DOS CUSTOS DA VIDA

RECEITA BRUTA



ASSINATURAS R\$ 8.180

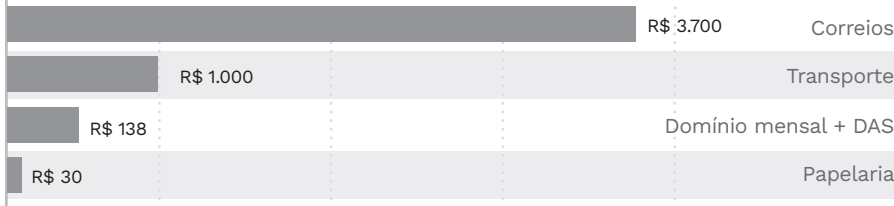
R\$ 80 Vitor Cei; Ronaldo Duarte da Silva; Kimberly Cristina da Silva; Ana Alice Kohler; Carlos Eduardo de Andrade e Silva; Zeh Gustavo; Ayrton Luiz Baptista Junior; Rafael Maciel; Helena Laura Rissoni Bou Ghosson; Breno Amaral; Junior Henrique Pereira; Roberto Dutra; Claus Bugman; Bibi Cortez; Anderson Freixo; Tiago Flores; Alexandre Soulza; Taiana Bubniak; Mayara Yamanoe; France Gripp; Mariana Bercht Ruy; Gabriel Galbiatti Nunes; Letícia Souza; Matheus Guménin Barreto; Guilherme Cruz; Cesar Augusto de Carvalho; Samanta Maia; Basílio Baran; Rafael Moretti; Adolfo Tognetti M. L. Araújo; Ana Lúcia Vasconcelos; Luiz Antônio Gusmão; Davi Álefe; Ana Carolina Chuery; Ghislaine Pelat; Mathie Mathieus; Adriana Massocato de Oliveira; Fernanda Dante; César Ganimi Machado; Tomas Droog; Bruno Magno Lopes; Reginaldo Custódio; Daniele de França Gitti; Marcos Carvalho; Natalie Fronczak; Pedro Henrique Caetano; Natália Braga; **R\$ 100** José Carlos da Silva; Brenno Silva da Costa; Ademilson Filocreão Veiga; Otavio Linhares; Sebo Édipoeira; Aline Feitosa; Teresa Silva; Saul Cabral Gomes Júnior; Arcana Sebo e Taverna; Rômulo Cardoso; Cristian Sudoski; **R\$ 120** Milena Benute; Pedro; Rodolpho Ramina; Juliana Vilas Boas; Fabiano Favretto; Alexandra Ozorio de Almeida; **R\$ 160** Monique Portela; Cristiano Pitt; Wanderson Mosco; Marcelo Oliveira Salles; Renata Stuan; Marco Hideo Prates; Matheus Bento; Flávio Otávio Ferreira; Roney Gomes; Armando Neto; Rodrigo Severo; **R\$ 240** Alexandre Guarnieri; **R\$ 300** Maria Luiza Martini; Rinaldo Batista Pereira.

ANUNCIANTES R\$ 2.740

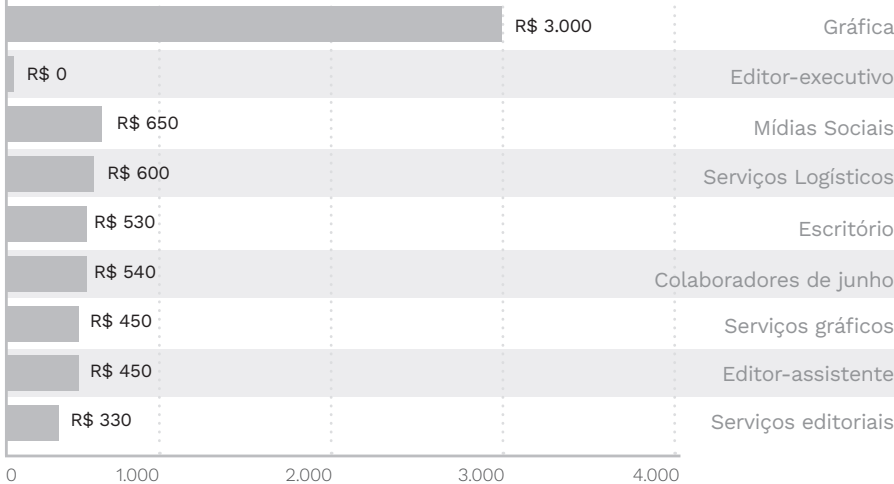
R\$ 50 Rede Macuco; **R\$ 70** Luiz Gustavo Vicente de Sá; **R\$ 100** Alvaro Divardin; André Giusti; Museu do Livro Esquecido; Itiban; **R\$ 120** Banca Tatuí; **R\$ 200** Karla Baptista; **R\$ 400** Editora Moinhos; **R\$ 450** Maniacs; Editora Coragem; **R\$ 600** Silas Corrêa Leite.

CONSULTORIAS R\$ 0

CUSTOS ADMINISTRATIVOS E VARIÁVEIS



CUSTOS FIXOS



COLOQUEI UM NOME INVENTADO ALI PELO MEIO DOS ASSINANTES
SÓ PRA VER SE ALGUÉM LÊ ESSA LISTA

Entradas totais: R\$ 10.920
Saídas totais: R\$ 11.018
Resultado operacional: R\$ -98



EXPEDIENTE

Agosto 2026



Editor Daniel Zanella
Editor-assistente Mateus Ribeirete
Ombudsman Priscila Branco
Revisão Samanta Maia
Projeto gráfico Bolívar Escobar
Logística Damaris Pedro
Advogado Rafael Estorilio
Impressão Gráfica Exceuni
Tiragem 5.000

NESTA EDIÇÃO

Basilio Baran p.6 Zeh Gustavo p.7
Deborah Trois p.8 Natália Braga p.9
Anderson Soares Freixo p.10 Hellen Franco p.16
Walter Benjamin (Trad. Gabriel Nunes) p.19 Diogo Santiago p.21
Maria Carolina Duprat Ruggeri contracapa

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Fernanda Dante
Nuno Rau

Edição finalizada em 30 de julho de 2026.



DAS OBRAS

As ilustrações da edição são de Marcos Beccari. Você pode conhecer mais do trabalho deles em marcosbeccari.com.



TIPOGRAFIA

A fonte usada para os títulos desta edição é uma versão condensada da Kepler, desenvolvida em 1996 como um dos vários projetos do tipógrafo norte-americano Robert Slimbach para a Adobe.

ASSINE / ANUNCIE

O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

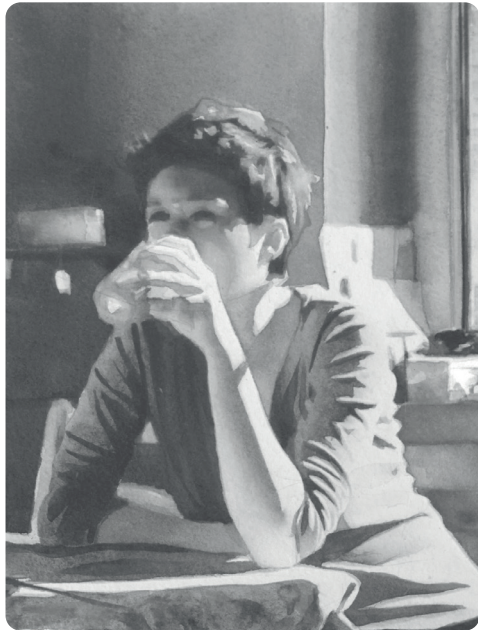


PUBLIQUE

O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama *Enclave* e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.



CARTAS

PASSAREDOS

Daniel Serrano • Que alegria descobrir o **RelevO** numa visita despretensiosa ao maravilhoso Sebo das Andorinhas, em Campinas. De férias, pude degustar a edição de julho de imediato, embalado por algumas cervejas. Destaque para a hilariante seção “RelevO FIP”, que me arrancou boas risadas, para a saborosa compilação de marina w, em sua “Casa dos Escritores”, e para as ótimas traduções de Ana Alice Kohler, que me permitiram conhecer essa poeta imensa que é Mary Oliver. Vida longa a todas essas relevantes contribuições – e a todas as irrelevâncias da vida.

Gabriel Sapo • Prezados Senhores. Gostaria de saber dos Senhores se existe a possibilidade de numa futura ocorrência do Vosso blog e se também haveria o interesse dos Senhores em realizar uma entrevista online sobre um livro de Ficção Científica que foi publicado muito recentemente e os Senhores poderiam contar com uma outra matéria a ser colocada no Vosso blog, sendo que se trata de uma estória peculiar e singular de Ficção Científica? Existiria agora ou futuramente esta possibilidade na Vossa opinião? Seria igualmente possível eventualmente que eu possa publicar uma matéria no Vosso blog sobre este livro de Ficção Científica em questão agora ou futuramente na Vossa opinião? Fico no aguardo de um retorno dos Senhores a respeito de tudo isso. Cordialmente.

Amanda Oliveira • Olaá, mandei uma prosa poética... Espero que goste e entenda as referências...

Eduardo Zanatta • Olá, equipe **RelevO**! Ontem pus as leituras em dia, e a edição de junho me pegou. Senti vontade de compartilhar duas canções com o editor. “Espelho” trata de uma revisão da vida e saudade. É um filho falando sobre o pai. “Além do Espelho” é o pai falando ao filho. “Toda imagem no espelho refletida / Tem mil faces que o tempo ali prendeu / Todos têm qualquer coisa repetida / Um pedaço de quem nos concebeu”. Forças ao editor.

DÉRBI DAS BIOS

Wesley Loose • A edição de julho chegou dentro do mês aqui em Cacoal (RO). Vi que o dérbi dos pró-bios e contra-bios ainda repercute nas cartas, por isso deixo minha contribuição (lenha na fogueira) na discussão: já pensaram que talvez um autor prefere que não saibam nada sobre ele?

Helena Rissoni • Olá, boa tarde! Que doideira, como o tempo passa, e eu aqui já tenho uma coleção do **RelevO** pra chamar de minha. A honra é toda minha em renovar a assinatura. :) Aproveito para elogiar a edição especial da Copa – está maravilhosa –, e a tabela do verso, que tem sido preenchida religiosamente por aqui (depois de algumas rasuras, porque tenho alguns problemas com tabelas). Abraços.

Raphael Cerqueira Silva • Anda vendo coisas? O **RelevO**, sempre curioso, quer saber: anda vendo coisas? Sim, enxeridos editores. Vejo tantas coisas, todos os dias, que minhas vistas cegaram com tanto visto. Agora ando anestesiado por aí procurando desver o que nunca devia ter olhado.

Taiana Bubniak • Hello! Andei viajando e perdi o fio da meada dos e-mails. Continuamos assinando sim, o jornal impresso já virou um ritual aqui; nem sempre dá tempo de ler tudo, mas se transforma em muito trabalho escolar, aquele bom uso de sempre; a tabela da Copa foi uma bênção, e enfim. Sigo acreditando e admirando.

ESTRANHO ERRO

Leonardo Triandopolis Vieira • Olá, pessoal! Faz umas duas edições que estou recebendo duas edições do mesmo mês por mês. Amo muito o Jornal, mas um exemplar do mês por mês está em bom tamanho. É isso. Desde já, obrigado pela atenção e vida longa ao **RelevO**!

Rodolpho Ramina • Tentativa de suicídio? Não consigo pagar a renovação da minha assinatura pelo Mercado Pago! Como proceder?

Da redação: Às vezes, o Mercado Pago resolve praticar literatura experimental. A gente envia outra forma de pagamento e salva tanto a assinatura quanto a sua pressão arterial.

MÃE NOVA

Juliana Vilas Boas • Opa! Simbora sim renovar a nossa assinatura. Vocês não me perguntaram, mas vou falar mesmo assim: sou uma mãe nova e orgulhosa da minha recém-nascida, por isso não deu tempo de dar sequência na assinatura antes. Mas agora é nós. Até mais e obrigada pelo Jornal maravilhoso de todo mês!

VARAL DE POESIA?

Pedro Anselmo Carvalho Neto • Qualquer realidade não é mera ficção:



César Ganimi • Bom dia, Jornal! Conheci vocês no Sebo das Andorinhas. aqui em Campinas, me surpreendi com a originalidade do projeto e me empatiquei na hora por essa empreitada maluca. Vida longa ao **RelevO**. Abraços!

TIME COPEIRO

Luis Felipe Mayorga • Como sempre, é divertido demais ler sobre as desventuras financeiras do **RelevO**. Além de serem muito parecidas com minha trajetória pessoal, me levam a acreditar que, na realidade, a penúria é o fio condutor desses editoriais mendicantes, ou seja: se o Jornal fosse autossustentável e sem essa angústia constante, esses textos maravilhosos (mistura de literatura com captação de recursos) não existiriam. Talvez o “Jornal **RelevO** bancado pelo papai” de um universo paralelo nem fosse tão interessante assim. Talvez nem tivesse público. Talvez nós, o público-leitor, sigamos doando nossas moedinhas a conta-gotas por um sadismo divertido de apreciar essas duas facetas conflituosas do

periódico, ora Spiderman realizando grandes feitos, ora Peter Parker dando murro em ponta de faca. Se for mesmo esse o caso: nunca melhor, **RelevO**! Que tenhamos sempre aquela foto de um senhorzinho infartando na contracapa no balanço financeiro do mês.

Zuza Saraiva • Gosto muito dos e-mails do Jornal que chegam na minha caixa de entrada. Estou lendo todos desde que peguei a assinatura gratuita. Tenho muita vontade de assinar para receber o impresso. Assim que possível, quero ter o privilégio de ter o material de vocês em mãos para leitura. Deixo meu agradecimento ao trabalho interessantíssimo de vocês!

Luiz Horácio • A persistência do **RelevO** é um exemplo. Parabéns pela vida exitosa.

Alexandra de Almeida • Olá, Jornal. Li um texto de vocês e me encantei pelo projeto.

José Carlos da Silva • Essa edição da Copa merece uma encadernação especial, com capa dura, acabamento em costura, verniz de reserva na capa! Ficou muito legal!

Reinaldo Junior • A Copa acabou (para nós) e os Correios ainda não trouxeram nada de junho para o meu doce lar. 😞😞😞 Mas ainda amo vocês!

Marcelo Salles • Quando você recebe um jornal sobre literatura (que existe desde 2010!) que faz uma edição especial da Copa com trecho de uma obra de um autor de cada participante da competição. Pense na alegria!

Elias Dias • Eu não sei, só tô comentando pra dizer que essa edição especial é simplesmente sensacional e guardarei pra sempre. Vou aos pouquinhos pesquisando mais sobre poesias e demais artes que nela descobri.

Marcelo Ribas • Vida longa ao nosso querido **RelevO**!

José Carlos Petermann • Qual autora do Cabo Verde você já leu? E do Panamá? Mariama Bâ, do Senegal, tenho certeza que você já leu... não? Está na hora de fazer a assinatura do **RelevO**! O especial da Copa 2026 traz um time de escritoras e escritores de cada país classificado para a Copa. E ler o jornal está melhor que os jogos. Na edição de junho, o galego Xavier Vasquez Freire traduziu a boliviana Yolanda Pedregal. Faça hoje sua assinatura!

Mathie Mathieus • Boa tarde, queridos do Jornal **RelevO**. Na terra da garoa chega jornal? Morei em Curitiba por um tempo e era fascinado no jornal de vocês. Um camarada muito querido do IHGPR sempre me emprestava seu exemplar pra eu ler nos albergues em que ficava. Por triste motivos, fui embora de Curitiba e vim para a Pauliceia desvairada, porém com uma enorme saudade do jornal. Agora que tenho um emprego e endereço fixo, gostaria de saber se o jornal consegue chegar na capital paulista. Beijos! Adoro o trabalho de vocês :3

QUEIMA DE ESTOQUE

Aderaldo Vasconcelos • Estive na FLIP semana passada e, para o meu espanto, encontrei um exemplar do **RelevO** sobre a Copa do Mundo. Vocês devem ter percebido que a Copa já acabou faz dias... e ainda deixam jornais velhos espalhados por aí. Da próxima vez, peço a gentileza de recolher todo o material vencido, como fazem os supermercados com o iogurte.

APOIADORES



bancatatu.com.br / Desenho por Ângela León

Em dúvida sobre suas próximas férias?



Visite a Pension Pötters em Essen, na Alemanha!

**você tem
um livro de poesia?**

**nós temos
seus leitores**

envie um email para
contato@fazia poesia.com.br
e inclua sua obra nos canais do portal Fázia Poesia

EDITORIAL

Logística para românticos

A Copa terminou. A FLIP também. E, de certa forma, um período de muita intensidade encontrou o seu apito final. Durante alguns meses, vivemos um projeto que fugiu completamente da rotina do jornal. A nossa edição da Copa teve 48 páginas, 6 mil exemplares, novos patrocinadores, lançamento em Curitiba, circulação em festivais e uma tentativa sincera de mostrar que o futebol também pode ser matéria-prima para literatura, memória e humor.

O curioso é que as grandes aventuras editoriais nunca acabam exatamente quando o exemplar chega às mãos do leitor. Elas continuam aparecendo na planilha financeira. A edição especial praticamente se pagou. Impressão, produção, colaboradores, distribuição, logística. Quase tudo. O “quase”, como costuma acontecer, atendeu pelo nome de Correios.

Empolgados com a dimensão do projeto, decidimos enviar malotes para bibliotecas, consulados, embaixadas, instituições culturais, jornalistas, parceiros e leitores espalhados pelo Brasil e por outros países. Parecia importante que um jornal literário brasileiro sobre futebol circulasse pelo mundo durante uma Copa do Mundo. E continua parecendo.

Só descobrimos, um pouco tarde, ou foi mais em *déjà-vu*, que fazer um jornal viajar custa quase tanto quanto fazê-lo existir. Não nos arrependemos de absolutamente nada. Ao contrário. Foi uma das experiências editoriais mais ambiciosas destes quase 16 anos de **RelevO**. Descobrimos novos leitores, aproximamos colaboradores, ampliamos a rede de distribuição e confirmamos uma suspeita antiga:

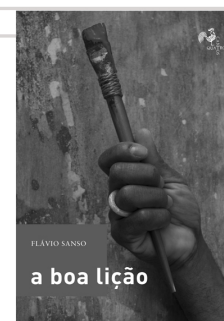
existe espaço para um jornal que trate futebol e literatura sem pedir licença a nenhum dos dois.

Existe, porém, um efeito colateral curioso. Sempre que realizamos um projeto maior, o mês seguinte costuma ser silencioso. É como se parte da comunidade imaginasse, legitimamente, que, depois de uma campanha intensa, o jornal estivesse respirando aliviado. Na prática, acontece o oposto. O dinheiro arrecadado tem destino certo, enquanto a edição seguinte continua chegando com as mesmas contas, os mesmos compromissos e, se possível, um pouco mais de ambição.

O **RelevO** continua existindo graças a uma engenharia delicada feita de assinaturas, anúncios, apoios, parceiros, colaboradores, leitores e uma confiança talvez excessiva de que ainda vale a pena colocar papel na rua. Cada nova edição depende menos de grandes feitos extraordinários e muito mais da persistência cotidiana de quem decide permanecer por perto. Mês após mês, alguém decide assinar, renovar, presentear outra pessoa, sugerir o jornal para uma biblioteca ou simplesmente comentar sobre ele numa conversa qualquer. É uma publicação que cresce menos por campanhas e mais por uma sucessão silenciosa de gestos individuais. Para circular, dependemos de uma quantidade surpreendente de pessoas que acreditam que algumas páginas impressas ainda merecem atravessar estradas, cidades e fronteiras antes de chegar às mãos de um leitor.

E aqui estamos, tentando fazer mais um mês acontecer, ou seja, uma edição por vez.

Uma boa leitura a todos. ®



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com



**BONS
VENTOS
trazem
BOAS
LEITURAS**



EDITORA MOINHOS
.COM.BR

© EDITORA MOINHOS

Outras formas de se fazer crítica literária

Priscila Branco

Como vocês já devem ter percebido (e fico alegre com as cartas que dizem gostar desta coluna!), sou fã de carteirinha do jornal, apesar de tensionar e sugerir algumas mudanças no âmbito editorial ao longo dos últimos meses. Tento pegar o RelevO nas mãos (ou no celular, quando os correios resolvem nos sacanear) e lê-lo de duas formas: como se fosse a primeira vez, então com um distanciamento do cargo que ocupo; e como uma leitora experiente que acompanha o periódico há muitos anos.

Nessa prática do olhar, pinchei alguns apontamentos, entre eles a inclusão das bios dos autores (pequena polêmica que ainda reverbera nas cartas da edição de julho) e a falta de crônicas num impresso, o que lamento muito, pois acho que o gênero tem bastante a contribuir com um jornal literário que circula pelo país todo. Como eu já disse anteriormente, tem gente que acha que a crônica morreu, mas eu encontro com ela todo dia na fila do pão.

Mesmo o editorial de julho apontando que uma das graças de receber o RelevO é não saber muito bem o que esperar (ou algo assim, tá, não me responsabilizo pela minha memória interpretativa de textos que leio), eu vou agora insistir em mais uma falta de que tratei brevemente em colunas anteriores, mas que vale a pena ser retomada: não me refiro a crônicas desta vez, mas à crítica ou à pesquisa literária.

Pensando o título desta coluna, quan-

do digo “outras formas”, já quero implicar que não estou falando daquela crítica acadêmica, chata (por favor, não se sintam ofendidos, eu também tenho um pé na academia e na crítica tradicional, e ela tem seu valor em diversos momentos) e que dificilmente alcançará muitos leitores. Me refiro à crítica que tem surgido nos últimos tempos: a que circula em revistas digitais independentes, como O Odisseu; a que está em podcasts por meio de entrevistas e conversas, como é o caso do Lume Literatura e do LiteraturaBr; a que surge em canais do YouTube, TikTok (*millennials*, não me xinguem) e em *newsletters*.

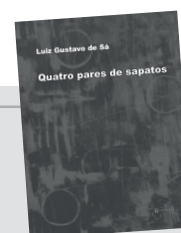
Mas o que as plataformas têm a ver com o conteúdo da crítica? Têm tudo a ver. Quando dessacralizamos e democratizamos a pesquisa, a leitura e a crítica literária, novas formas de se pensar os livros, a ficção, a poesia, a autoria e o meio literário surgem e conseguem terreno fértil para trazer questionamentos e modos de se interpretar a literatura a que não teríamos acesso previamente, se levarmos em conta apenas colunas de grandes jornais ou artigos acadêmicos sobre livros de importante circulação.

Estou falando aqui de novas formas de mediação de leitura. Afinal, para que serve a crítica literária? Às vezes pode parecer que algumas têm o objetivo de bajular escritores ou de potencializar o ego do próprio crítico, mas não! Uma das principais razões de ser da produção de uma crítica, seja ela uma entrevista,

uma resenha, um ensaio, um prefácio etc., deveria ser realizar uma ponte, uma conversa, entre o texto literário e o leitor. É como se eu pegasse na mão de quem está lendo e falasse: “olha, esse poema aqui mastiga nosso medo da morte. Depois, em vez de engolir, ele cospe no chão; alguns anos mais tarde, naquele exato ponto da cuspidinha, nasceu uma erva daninha com penduricalhos de estrelas”. Bruscamente, o leitor que estava de mãos dadas comigo me dá um supetão: “pois sabe aquela cuspidinha do poema? Eu fiz questão de pisar em cima e jogar terra até o chão ficar sequinho. Anos depois, sabe o que aconteceu? Construíram uma casa no exato lugar onde você viu nascer a tal da erva daninha”.

Por isso, toda crítica é impossível, porque nunca absoluta. E seu papel é apenas estabelecer uma conversa de dúvidas com quem está lendo. Acho que seria incrível um jornal como o RelevO estabelecer um lugar (ou um não-lugar) de formas criativas de crítica literária. Trazer para o jogo da circulação do impresso também esse diálogo entre as pessoas.

Sei que temos um espaço de páginas reduzido, e hoje apenas as colunas do editorial e do ombudsman da vez são fixas. Mas jogo aí a semente da erva daninha para pensarmos sobre a possibilidade de termos um espaço fixo de crítica literária. Acho que seria mais uma forma de alimentar as brigas e intrigas deste jornal.



Ao interpelar uma amiga a respeito de seus quatro pares de sapatos, o Sr. Keuner, da obra de Bertold Brecht, recebe como resposta: “eu tenho quatro tipos de pés”.

Assim como nossos pés percorrem diversos caminhos e necessitam utilizar adequados pares de calçados, os poemas de *Quatro pares de sapatos*, ao esquadriharem os cômodos da casa, as ruas, os campos e as veredas da memória, fazem uso de diferentes tipos de olhares. Nos “lugares comuns”, o cotidiano aparece com suas contradições — o calor insuportável do verão, as manias, as coleções de objetos inúteis, o homem-placa que atravessa a cidade.

Quatro pares de sapatos

Luiz Gustavo de Sá
R\$ 56 (100 páginas)

7letras.com.br/livro/quatro-pares-de-sapatos/

HECHO por Cami

Cerâmica Artesanal Brasileira

hechoporcami.com @hechoporcami

Editora
Litteralux
Porque livros iluminam
www.editoralitteralux.com.br

+ de **1.700** títulos
publicados desde 2012



[/EditoraLitteralux](https://www.youtube.com/channel/UC0EditoraLitteralux) [litteraluxeditora](https://www.facebook.com/litteraluxeditora) [@editoralitteralux](https://www.instagram.com/editoralitteralux) litteralux@editoralitteralux.com.br

Quer publicar com a gente?

Escreva para:
originais@editoralitteralux.com.br

Preste atenção.

Existe alguém tomando decisões na sua vida que você não conhece.



A psicanálise costuma chamá-lo de inconsciente. Quero ser cupido do seu encontro consigo.

Elisa Goltz Kumov
Psicóloga e Psicanalista
CRP 08/43385





Uber Moto

Basílio Baran

Então, não é que eu goste de Uber Moto. Mas você sabe como é, ninguém merece esse preço toda hora. A gente ficou dependente. Daí você olha lá o Uber, 17 reais, e o Uber Moto, 8. Pô, a primeira vez dá medo. O pessoal faz todo esse terrorismo. Eu sei, ah, se você bate o carro quem amassa é o chassi, na moto, você é o chassi. Eu sei.

Mas fala a verdade. Você olha ali, 8 reais. Tem uma primeira vez pra tudo. Daí eu pedi. Me caguei todo, mal sabia sentar na moto, botar o capacete, e o cara percebe que você não sabe, mas ele não fala nada pra não te constranger. Eles são muito educados. Daí ele foi devagar, eu me agarrando com tudo, a mão doendo. Dei o azar que, na primeira vez, foi uma moto sem aquela alça pra segurar, sabe? Quando tem a alça pra segurar e o apoio do pé é uma delícia.

Daí foi. Às vezes era até mais barato que ônibus, e meu ponto é longe do trabalho, então comecei a pegar direto. E você aprende os trejeitos, dar aquela inclinação na curva, não se segurar tão forte na alça, não ficar encoxando o motorista. Tranquilo, chegou até o ponto que o cara disse pra mim, você tem moto? E eu disse não. E ele, é que você se posiciona muito bem no assento. Pô, aí eu percebi que eu já tava fera.

Daí hoje de manhã eu peguei pra ir pro trabalho e era uma moto ótima, linda, muito confortável, estável. Na volta, eu não pego porque é horário de pico. Só que eu me enrolei no trabalho e perdi o ônibus, ia ter que esperar meia hora. E sabe o que é pior? Eu pedi o Uber normal. Tava o mesmo preço que a moto. Só que daí tava procurando, procurando, eu olhei aquele trânsito fechado, engarrafado, e vi que ainda dava pra pedir a moto. E daí eu pedi. Não foi por dinheiro, foi porque deu vontade mesmo. Parecia que eu podia sentir o vento na minha cara. Tava cansado.

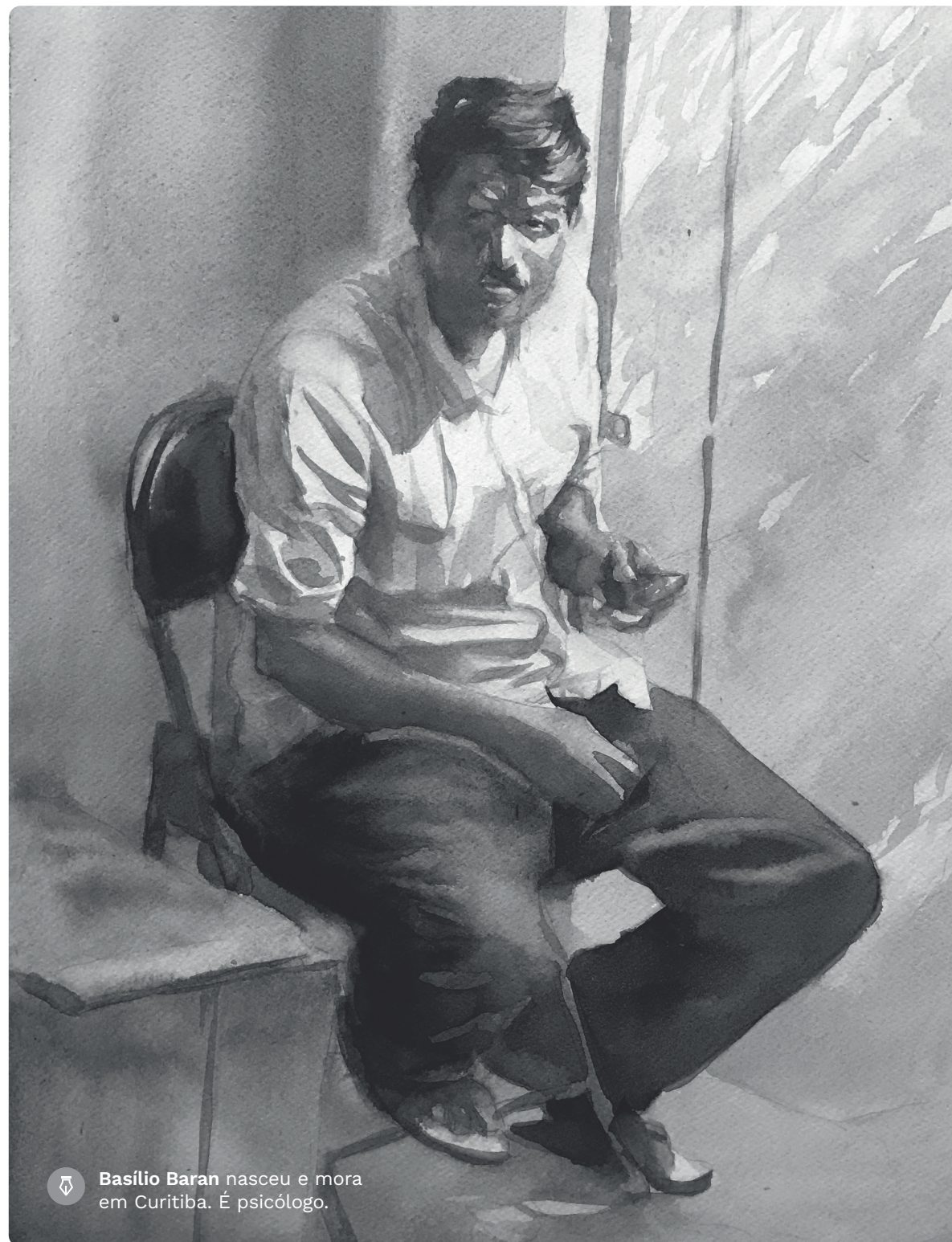
Sabe, o pessoal faz terrorismo, mas você precisa sentir o ventinho na cara. Abrir um pouco a viseira. Depois de pegar o jeito, você já não fica mais tenso no banco. A viagem é muito mais rápida. Nem precisa encolher os braços pra passar entre os carros, a moto é feita em uma largura que não tem risco de bater ali. E, vamos ser honestos, às vezes o cara chega no sinal vermelho, vê que não tem ninguém, e ele fura. Na primeira vez dá medo, mas depois você vê que não tem perigo, os caras são profissionais. E é o que todo mundo quer fazer, mas não dá pra fazer

de carro. Todo mundo quer mandar as normas de trânsito pro caralho, a gente sabe que elas são feitas pros outros, não pra gente. Daí eu até torço pro cara dar uma furada.

E tava assim, ótimo. Saímos do movimento rapidinho, fomos pro viaduto, e ali é uma paz, corre que é uma beleza, muito espaço. Aquele vento refrescando

você depois de trabalhar o dia inteiro nesse calor. Aqui tem ar-condicionado, né? Mas lá na empresa é ventilador. Aquele vento, aquela paz, eu me senti, de verdade, cavalcando um corcel. Que nem em filme. Daí aquela vontade de fechar os olhos, de abrir os braços...

E é isso, doutor.



redemacuco.com.br

20 anos



Basílio Baran nasceu e mora em Curitiba. É psicólogo.



O ÚLTIMO QUE FECHA

Zeh Gustavo

Sonhei com Woody Allen.
Frequentávamos o mesmo botequim.
Tocava jazz de elevador ao fundo.
Woody sempre reclamava do jazz de elevador.
Ele tomava o whisky mais caro, evidentemente.
Enxergava pouco, mas se dirigia sem ajuda
(por vezes, tropeçava)
a uma espécie de lugar cativo
num sofazão vermelho acolchoado
daqueles fixos a contornar toda
a creche das boas almas vivas
em que nos encontrávamos.

E o bar com Woody
com jazz de elevador ao fundo
e sofazão vermelho acolchoado
quer dizer muita coisa.
Quer dizer por exemplo
que se tratava de um tempo
em que os paulistas e o Sebrae
ainda não tinham tomado os bares
tampouco inventado de servir marafo
em copinho de licor de 40 ml.

Eu e Woody éramos velhos chapas.
Amizade de botequim, a melhor.
Ele se assentou no sofazão vermelho
e parecia solicitar a minha presença
ao iniciar um papo sobre terapia
ou terapia de internet
ou não terapia de internet
ou mesmo: *não terapia*.
Contava que resolvera
finalmente largar de mão
aquela coisa toda de falar
pelos cotovelos
num conforto somente imaginário
sob os olhares e ouvidos atentos
de um *afeto de mercado*.
Claro que a última expressão é minha
mas foi algo parecido que ele disse.
E o sonho é meu.

Quando ele me perguntou
como iam as coisas
nos interromperam
para lhe perguntar:
E aí, Woody, como vão as coisas?
Ele olhou pra mim
bem desajeitado
bem cegueta
bem Woody.

Aproveitei pra desviar
do assunto e lhe perguntar
do Carvana. E se ele conhecia
o Passarinho: Antonio Pedro.
E o fdp do Pereio.
E a Sílvia Bandeira
quando irrompe nua
em meio a uma
vernissagem.

Aí quem nos interrompeu foi
o cão a me acordar.
Ele me olhava com *aquela cara*.
Aquela cara que o Saramago
descreveu como função maior canina
diante da humanidade
que é assegurar
que a gente se pergunte
novamente:
que caralho afinal que somos?
Aquela cara de Bar Esperança.

Sonhei com Woody Allen!
eu disse ao meu cão.
Culpa daquele amor cancelado!
Mas isso não foi ele quem me disse
foi o Woody.

 **Zeh Gustavo** (1979) nasceu e mora no Rio de Janeiro (RJ). É músico, escritor e revisor.



**CURADORIA
FEITA POR
PESSOAS.
NÃO
ALGORITMOS.**



 **AVENIDA SILVA JARDIM, 845,
REBOUÇAS, CURITIBA-PR**
 **(41) 3232-5367**



“Transitando pela fronteira imprecisa da ficção e da autoficção, André Giusti relata, neste monumental romance, a crise do gato de meia-idade. Um personagem volúvel, por isso contraditoriamente fascinante”

Sérgio Tavares

Só Vale a Pena se Houver Encanto,

de André Giusti. À venda em
www.caoseletras.com.br e na Amazon

Karla Baptista
Nutricionista do idoso

Intestino, força e alimentação
no dia a dia

CRN-8 15569
[@karlacostabap](https://www.instagram.com/karlacostabap)
(41) 98402-3822



Gostando da leitura?
Pois aí vai uma
informação: é possível
assinar o jornal.

www.jornalrelevo.com



A palavra dada

Deborah Trois

Não os pais, não os padrinhos, não a rede de tios e primos que em Lanhelas confundia sangue com vizinhança. Foi ele quem lhe falou primeiro: Luís Antonio da Cunha, um dia qualquer de que não ficou registro, disse a Joaquina Felizarda que a queria por mulher. Só depois os pais entraram na conversa, como entra a burocracia depois do coração, para confirmar o que já estava decidido.

Isto sabemos-lo porque ela o disse, sob juramento, com a mão sobre os Evangelhos, perante um padre que, entre outras coisas mais graves, lhe perguntou se tinha sido roubada.

Não tinha. Estava, disse, “em sua liberdade”.

Corria o ano de 1867. Joaquina Felizarda já passara dos 24 anos. Essa frase, repetida no processo como quem repete uma sentença, era tudo o que era preciso dizer. Aos 24, uma mulher deixava de ter tempo do seu lado; a partir daí, era ao mundo que cabia explicar por que ainda não a tinha querido. E o mundo, na freguesia estreita de Lanhelas, não tinha resposta: não havia “varão de sua condição” que não fosse parente ou desigual. Só havia o primo.

Foi por isso que precisou de um Papa. Não porque o amor entre primos fosse coisa rara nestas terras: era, ao contrário, a solução mais óbvia, quase a única. Mas porque a Igreja exigia, para o autorizar, que se provasse primeiro

o que já toda a gente sabia, que não havia outro. Luís Antonio era primo dela, terceiro e quarto grau, descendentes ambos de um tal Gonçalo e de uma tal Isabel, avós comuns de que já ninguém, em 1867, se lembrava com precisão; uma testemunha disse apenas que “ouvira dizer” qual era o tronco. A memória da aldeia, posta à prova diante de um escrivão apostólico, revelou-se um eco cansado, repetido de boca em boca, que ninguém verificara em vida.

Mas a Igreja não se contentava com ecos. Exigia prova.

O processo que restou é grosso: um breve do Papa Pio IX, em latim solene, autorizando a dispensa por falta de homem de condição igual, forma jurídica delicada para dizer que numa aldeia pequena os pobres casam entre si porque não há outros pobres por perto. Seguiu-se o beneplácito régio, pedido em nome do rei; o arcebispo de Braga, Primaz das Espanhas, mandou ler os artigos em voz alta na missa dominical, sob pena de excomunhão maior para quem soubesse de impedimento e o calasse; e por fim vieram as testemunhas, quatro vizinhos da freguesia, chamados um a um perante o pároco, a jurar sobre o Livro dos Evangelhos que diriam “só a verdade”, cada qual a repetir, com pequenas variações de memória, a mesma árvore incerta.

Manoel Caetano Marrocos, vizinho, 56 anos, do lugar dos Bacellos, foi

a terceira dessas testemunhas. Disse que os noivos eram os mesmos para quem se pedira o breve; que não consentava terem tido cópula nem fama dela; que eram parentes em terceiro e quarto grau, “porque de Gonçalo e Isabel nasceram Matheus e Luís”, e daí, por dois ramos que se afastam e voltam a tocar-se, os dois noivos. Assinou o seu nome, devolveu a palavra ao padre, e voltou provavelmente para os Bacellos sem saber que, mais de século e meio depois, alguém havia de reler o seu depoimento à procura de outra coisa: uma coincidência de apelido. E encontrar, em vez disso, apenas um homem a cumprir o dever de quem mora perto.

O interesse deste processo não está em quem testemunhou, mas no que a burocracia tentava, sem conseguir, encobrir: duas pessoas que se conheciam desde sempre, talvez até demais, e que precisaram de um Papa, de um regente, de um arcebispo e de quatro vizinhos jurados para fazer valer o que já tinham decidido entre si, numa conversa de que não ficou registro.

Há também, no meio dos artigos e das fórmulas, um pormenor que a lei exigia e que por acaso comove: o assento de batismo de Joaquina, transcrito ao processo porque era preciso provar a idade. Nasceu a 27 de abril de 1834, e foi batizada em casa, no mesmo dia, “por se achar em perigo”. Só dias depois,

já fora de risco, a levaram à igreja para receber os óleos que faltavam. Trinta e três anos mais tarde, essa mesma criança que quase não chegou a ter nome estava diante de um padre, maior de idade, livre, a jurar que ninguém a tinha “furtado”: que casava porque quis.

Entre o perigo do nascimento e a liberdade do casamento, ficou uma vida inteira de que o processo nada diz. Só o essencial jurídico: os bens, os dotes, o rendimento líquido anual, a genealogia incerta, a assinatura de quatro vizinhos que juraram sobre o que mal sabiam.

E, no meio de tudo isso, uma frase, a única em páginas de fórmula, que ainda hoje soa a voz própria: foi ele quem lhe falou primeiro. Só depois vieram os pais. Só muito depois, o Papa.



Deborah Trois (1986) nasceu em Niterói (RJ) e vive atualmente em Braga, Portugal. É escritora e investigadora genealógica.

Museu do Livro Esquecido

Museu e gabinete de leitura para a história do livro



“O Triunfo da Vaidade: Matias Aires e suas Reflexões”,
exposição de 28 de junho de 2025 a junho de 2026.
Matias Aires, Typografia Rollandiana e gravuras em edições raras
para refletir sobre a vaidade e o fim da vida.
Biblioteca disponível para pesquisa.

Rua Santa Luzia, 31, Sé/Liberdade, São Paulo - SP, 01513-030

(11) 91853-6231

museudolivroesquecido@gmail.com



UM ATELIER DE COMUNICAÇÃO

PODCASTS | VIDEOAULAS E
EVENTOS DE BOLSO



ESPAÇO DE IDEIAS

Affrê Mansur, 565 - CWB/PR - Novo Mundo
Na Cidade Universitária Santa Cruz Centro Universitário
WhatsApp: 41 99993-4141

Venha nos conhecer:

www.espacodeideias.com.br





Ensaaios em coletânea

Natália Braga

1. A utilidade pública dos vidros de aeroporto

Existem pessoas que defendem o uso de vidro em vez de paredes como símbolo da modernidade. Eu, depois de alguns embarques mal resolvidos, passei a vê-lo como um funcionário público da separação. Ele organiza filas, impede avanços emocionais e devolve a cada um a sua própria face no momento exato em que gostaria de ver só a do outro.

Foi atrás de um desses vidros, em Confins, que entendi que despedida não é a cena em que alguém vai embora. Despedida é o instante em que a pessoa mostra o cartão de embarque no telefone, aparece uma luz verde e você percebe que a tecnologia, além de tudo, ainda colabora com o drama. A máquina autoriza a partida junto com a indiferença de quem libera a catraca. O coração, menos profissional, continua achando que deveria haver uma forma de recorrer a toda essa cena.

Mas o problema do aeroporto é que ele nos obriga a conviver com duas degradações ao mesmo tempo: a do fim e a da coreografia. A gente finge maturidade. Diz coisas como “me avisa quando chegar”, como se o peito estivesse falando de logística, e não de uma iminente catástrofe. Endireitamos a mochila no ombro do outro. Perguntamos se o portão já abriu. Fazemos cara de quem respeita decisões. Tudo isso para não dizer a frase verdadeira, que é sempre mais ridícula e mais honesta: “você ainda pode desistir”.

Sabemos que quase nunca se pode. Ou até pode, mas não se desiste assim. Talvez por isso eu ache tão comovente quem volta do corredor uma última vez para acenar. Não muda nada, claro. Continua havendo avião, distância, assento 23A e uma pessoa do lado de cá tentando parecer compatível com a vida adulta. Mas aquele aceno tem alguma coisa de reparação civil. É como se dissesse: “eu reconheço que isso também está acontecendo com você”.

No fim, os aeroportos são isso: grandes prédios erguidos para provar que a vida segue. E os vidros, coitados, acabam servindo de testemunha. Dividem o presente do passado e ainda têm o mau gosto de refletir os dois ao mesmo tempo.

2. Assuntos que a gente adia para depois

Existe um certo tipo de casal que às vezes nem é casal ainda, o que piora tudo.

Então temos o que acredita muito no depois. Depois a gente conversa. Depois a gente vê. Depois a gente entende o que está sentindo. Depois a gente decide se isso foi amor, impulso, carência, distração ou um erro com um bom senso de humor. Só que o problema do depois é que ele costuma chegar acompanhado de uma agenda bem cheia.

É curioso como as pessoas conseguem discutir orçamento, passagem aérea, multa do prédio e marca

de arroz, mas empacam justamente no essencial. Talvez, penso eu, seja porque o essencial, ao contrário dos planejamentos precoces, não caiba numa lista. Dizer “eu tenho medo de que você suma” é menos elegante do que perguntar “você prefere janela ou corredor?”. E a vida, que aprecia muito a elegância quando lhe convém, vai premiando as conversas vazias.

Outro dia pensei que boa parte dos desastres afetivos começa assim: duas pessoas civilizadas, com vocabulário suficiente para pedir reembolsos e reclamar da internet, mas incapazes de formular perguntas decisivas. Não por falta de inteligência. Mas por excesso de cautela. A cautela, no amor, é uma espécie de aplicativo de controle muito superestimado.

Agente acha que está preservando o vínculo quando, na verdade, está terceirizando a tragédia para o futuro. O futuro, por sua vez, recebe essas demandas todas e responde como pode: com mal-entendidos, mensagens mal interpretadas e uma carta cinco anos depois, quando ninguém mais sabe exatamente o que está lamentando, mas lamenta com bastante competência.

Não estou dizendo que toda vontade deva ser declarada em voz alta, até porque há vontades que ficam mais bonitas em repouso. Mas algumas mereciam ao menos um teste de existência. Uma pergunta. Uma frase mal construída. Um “olha, eu tenho medo do tamanho disso”.

Porque às vezes não falta amor. Falta legenda.

E o tempo, como sabemos, traduz tudo muito mal.

3. Anos depois, o correio

Toda carta atrasada tem uma arrogância particular. A mensagem instantânea, ao menos, chega de mansinho. Vibra no bolso, pede licença, aceita ser ignorada. Já a carta aparece anos depois com a segurança de quem sabe que tomou todas as estruturas para si. Não cabe no celular, não some num gesto de polegar, não pode ser arquivada entre um cupom de farmácia e um vídeo do cachorro de alguém. Carta é um objeto que quer ser lido com as duas mãos.

Alguns anos depois é uma unidade de tempo muito específica. Não é cedo o bastante para consertar nada nem suficientemente tarde para tornar tudo irrelevante. É o prazo ideal para causar desorganização. Você já mudou de roupa, de emprego, talvez de cidade, talvez de convicções. Já aprendeu a comprar café sem reclamar do preço. Já conseguiu ouvir certas músicas sem achar que o universo está de deboche com a sua cara. E então chega um envelope para lembrar que o passado também tem serviço de entrega.

Há gente que escreve bem demais para ter sido infeliz com a nossa colaboração. Isso complica. Uma carta ruim permite uma raiva limpa. A boa não. A boa reabre a pessoa inteira. Você lê “eu era uma menina, você também” e pronto: lá vem o filme. O quarto. O

medo. A falta de coragem para mostrar o amor ao mundo, como se o resto do mundo estivesse tão interessado assim e não estivesse, na maior parte do tempo, preocupado em conseguir uma vaga para estacionar.

O que uma carta dessas faz não é trazer ninguém de volta. Seria até mais simples se fosse assim. O estrago verdadeiro é outro: ela devolve nuance. E a nuance é a inimiga natural do ressentimento. Você passou anos construindo uma versão sólida do que aconteceu, e então o envelope chega para instalar rachaduras civilizadas em todo o prédio.

Ainda assim, há uma generosidade na carta tardia que eu respeito. Não resolve, mas reconhece. Não apaga, mas assina embaixo do que doeu. E, em matéria de passado, às vezes isso é o máximo que a boa educação do destino consegue oferecer.

4. Heranças que ninguém inventaria em um cartório

Quando uma relação acaba, as pessoas imaginam que a divisão de bens se limita ao que um advogado consideraria desprezível de se cobrar: livro, blusa, panela, talvez um moletom cuja guarda legal poderia arruinar qualquer amizade madura. Mas o *espólio* afetivo é muito mais trabalhoso. A gente herda lugares, receitas, músicas, manias verbais, cidades que nunca visitaria sozinho e a obrigação implícita de pensar no outro diante de uma mesa bem posta.

Tenho para mim que os grandes amores deixam pouco patrimônio líquido e muita posse simbólica. Ficam conosco os restaurantes de massa com toalha xadrez, as padarias de esquina, o jeito correto de cortar uma fruta, um certo hotel de nome duvidoso, a teoria de que os almoços de longa duração dizem mais sobre intimidade do que qualquer aliança. Também ficam as canções. Principalmente as canções. É uma herança ingrata, porque paga dividendos em ocasiões aleatórias: mercado, transporte público, sala de aula.

O mais curioso é que algumas dessas heranças melhoram a vida. Você aprende uma receita nova, descobre um bairro, passa a prestar atenção em feitiços de Ano-Novo para a Lua, aprende a dançar e a gostar de fotos, temos também o modo de servir vinho, a coragem mínima para pedir sobremesa mesmo sem ter fome. Não dá para dizer que foi em vão, embora às vezes o coração prefira uma contabilidade menos sofisticada.

Talvez amar seja isso também: aceitar ser um pouco alfabetizado pelo outro. Não no sentido grandioso, que a literatura frequentemente exagera, mas no doméstico. O outro nos ensina a olhar para uma cidade, a escutar uma voz, a desconfiar do café de aeroporto, a não desprezar panela velha, a perceber que toda família guarda um prato feio e essencial.

Por isso desconfio de quem diz “não ficou nada”. Sempre fica. No mínimo, uma maneira diferente de olhar em volta. E, dependendo do caso, até isso já é uma forma de permanência ou continuidade.



Natália Braga (1999) nasceu e mora em São Paulo (SP). É roteirista, produtora audiovisual e economista.



O MUCOMANTE

Anderson Soares Freixo

Enquanto mastigava a salada, minha esposa me colocava a par da consistência, viscosidade, textura e coloração do catarro que havia sido expelido por nossa filha durante sua última lavagem nasal. Acontece que nos últimos dias ela andava com tosse e nariz escorrendo, e eu, como um bom pai, já vinha me aprimorando nessa arte oculta que poderíamos chamar de mucomancia: a arte de observar os padrões presentes no catarro para ter um vislumbre do futuro.

Assim que terminei meu prato pensando em catarro, olho casualmente as horas no celular. São 13h33. Sim, de novo. De uns tempos pra cá, tem se tornado muito comum eu pegar o celular pra ver as horas e me deparar com os horários 22h22, 23h23 e 13h33. Isso estava me deixando cada vez mais intrigado.

Comecei a pensar que, talvez, esses números se tratassem de algum tipo de sinal oculto. Emanações de algum fenômeno obscuro que, depois de fermentarem no inconsciente coletivo, ou vibrarem na trama invisível do espaço-tempo, brotavam na superfície da realidade como prenúncio de algo muito importante. Eram esses números e o 22 e 4.

Sim, 22 e 4. Pois desde que cometi o erro trágico de tentar solicitar por WhatsApp um relatório médico da clínica de reumatologia em que me consulto, exatamente às 22h04, recebo, diariamente, uma mensagem automática do consultório dizendo “Olá, fico no aguardo de sua resposta”.

Digo “mensagem automática”, mas, na verdade, eu só reparei que essas mensagens eram automáticas depois de conversar duas vezes com o robô da clínica. O primeiro diálogo foi assim:

- Olá, fico no aguardo de sua resposta.
- A respeito do quê?
- Alguma observação referente à nota informada?
- Que nota?
- Agradecemos a sua avaliação e aguardamos um novo atendimento.
- Por que você está trabalhando depois das 22h?? (Sem resposta)

Como eu estava muito bêbado nessa primeira ocasião, acabei esquecendo do episódio no dia seguinte, e, por conta disso, acabei caindo na conversa do robô de novo, no mesmo horário:

- Olá, fico no aguardo de sua resposta.
- Que resposta?
- Alguma observação referente à nota informada?
- Eu não dei nota nenhuma!
- Agradecemos a sua avaliação e aguardamos um novo atendimento.

E desde então, o robô volta a me dizer que está no aguardo da minha resposta, todos os dias. Exatamente às 22h04.

Sempre fui um sujeito meio cético, mas esses acontecimentos estranhos mexeram comigo de tal forma que toda vez que recebo essa mensagem, às 22h04, fico encarando com um misto de perplexidade e culpa o espaço reservado para digitar uma mensagem, na parte inferior do aplicativo, logo abaixo do balãozinho com a mensagem “Olá, fico no aguardo de sua resposta”.

É como se eu tivesse sido eleito por forças além da minha compreensão para responder as grandes perguntas da humanidade: quem eu sou, de onde eu vim, pra onde eu vou, qual o sentido de tudo isso, etc. Mas que, depois de me distrair dessa tarefa fundamental por conta das demandas do dia a dia, viesse a ser lembrado, às 22h04, que elas ainda estavam sem resposta. E ao ser interpelado pelas forças cósmicas a respeito do meu parecer, não podia senão me recolher à minha insignificância e permanecer calado.

Agora, passando o olho pelas notícias no celular, depois de almoçar pensando em catarro e constatar que eram 13h33, vi a manchete: Mega-Sena pode pagar 40 milhões de reais hoje à noite. Não tive dúvidas. Entrei no site da lotérica e fui jogar. Mas pra conseguir jogar pela internet, é preciso fazer ao menos 30 reais em jogos. Então decidi fazer um jogo de 7 números, que custa 35 reais, em vez de um de 6, que custa só 5. Joguei 04-13-22-23-33 sem nem precisar raciocinar. Mas ainda faltavam 2 números. Esforcei-me para lembrar algum outro número significativo.

Bom, essas mensagens automáticas tinham começado no dia do meu aniversário de 34 anos, dia 5 do 4. Como já tinha jogado o 4, então completei o jogo com 5 e 34, ficando 04-05-13-22-23-33-34. Ainda gastei um tempo avaliando meu jogo. Enxerguei nele um grande potencial místico. Tinha números dobrados (22 e 33), e números primos (5, 13, e 23). Ainda tinha o 34, que, somando seus dígitos, dava 7, um número que, além de primo, é notoriamente cabalístico. Sem contar que 34 ao contrário é 43, outro número primo. Ficava destoando ali apenas o 4. Não conseguia atribuir sentido a ele, mas preservei-o depois de me recordar que em minha última ressonância magnética do ombro, constava que eu tinha acrómio tipo IV.

Era isso. Encarei o jogo com a certeza de que ficaria milionário. Sim, era esse o grande acontecimento que, em alguma região do futuro, já tinha ocorrido, e cujos sinais reverberavam até o passado, para serem captados por mim, para que eu pudesse fazê-lo cumprir. Veio em minha mente a imagem de Ouroboros, a cobra engolindo o próprio rabo. De repente, eu ganhava uma nítida compreensão do funcionamento da mecânica geral do universo. E como era bela a mecânica universal. Não me sentia mais um reles mortal, não me incomodava mais a finitude da vida, a pequenez

da vida humana ante a totalidade do cosmos. Eu me sentia conectado a tudo. Eu tinha entendido os sinais. Já pensava até em escrever um livro sobre o assunto.

Estava tão certo de que ganharia, que nem fiquei esperando ansioso pela hora de divulgação do resultado, como geralmente acontece quando resolvo jogar na loteria. Apenas me entreguei às tarefas domésticas do momento, enquanto pensava no que ia fazer com meus 40 milhões. Finalmente poderia retelhar a casa. Aliás, retelhar, apenas, não. Bateria logo uma laje. Duas lajes. Uma pra um segundo piso e outra pro sótão. Finalmente teria um lugar adequado pra guardar todas as minhas tralhas. Talvez até instalar um telescópio. Que maravilha!

Qual não foi minha surpresa quando, depois de concluir a lavagem de louça, fui verificar o resultado do jogo e constatei que não tinha ganhado. Eu não tinha acertado nem a quadra. Senti-me ludibriado. Não tinha compreendido porra de universo nenhum. Alarme falso. Senti desmoronar dentro de mim o recém-construído edifício do conhecimento absoluto. Mas, pior que isso, a recaída do meu ceticismo habitual tinha me custado 35 reais. Puta que pariu. E minha esposa ainda ia ficar puta quando descobrisse que eu tinha gastado esse dinheiro jogando.

Senti voltarem à minha consciência, um a um, todos os problemas que tinham desaparecido na certeza de que eu estava milionário e compreendia o universo. Amplificados, ainda por cima, pelo fato de que eu era agora 35 reais mais pobre. A finitude da vida, a pequenez do homem, a gripe da minha filha, minha tendinite, as folhas de alface que eu tinha que comer antes de murcharem pra fazer valer o dinheiro que eu dei nelas, a conta de luz, a conta de água, a fatura do cartão. Tudo isso me atingiu como um ônibus desgovernado descendo a ladeira.

Enquanto tentava reassimilar minha situação cósmica, sequer prestei atenção ao som abafado de tosse que chegava do quarto ao lado. De repente, minha esposa surge diante da porta com um ar muito grave. Eu já me preparava para explicar porque tinha uma compra de 35 reais no cartão de crédito quando percebi que ela carregava em sua mão direita uma singela tira de papel higiênico enrolada. Ela estendeu o papel para mim e, quando o encarei, senti um grande calafrio. Em meio ao branco do papel, jazia uma gosma espessa e esverdeada, encoberta por uma camada reluzente de baba.

Dias difíceis estavam por vir, prenunciava o escarro.



Anderson Soares Freixo (1990) nasceu em Niterói (RJ) e mora em Feira de Santana (BA). É escritor.

editora
NAMÍBIA

LANÇAMENTO

Coquetel Molotov: drinks para a morte

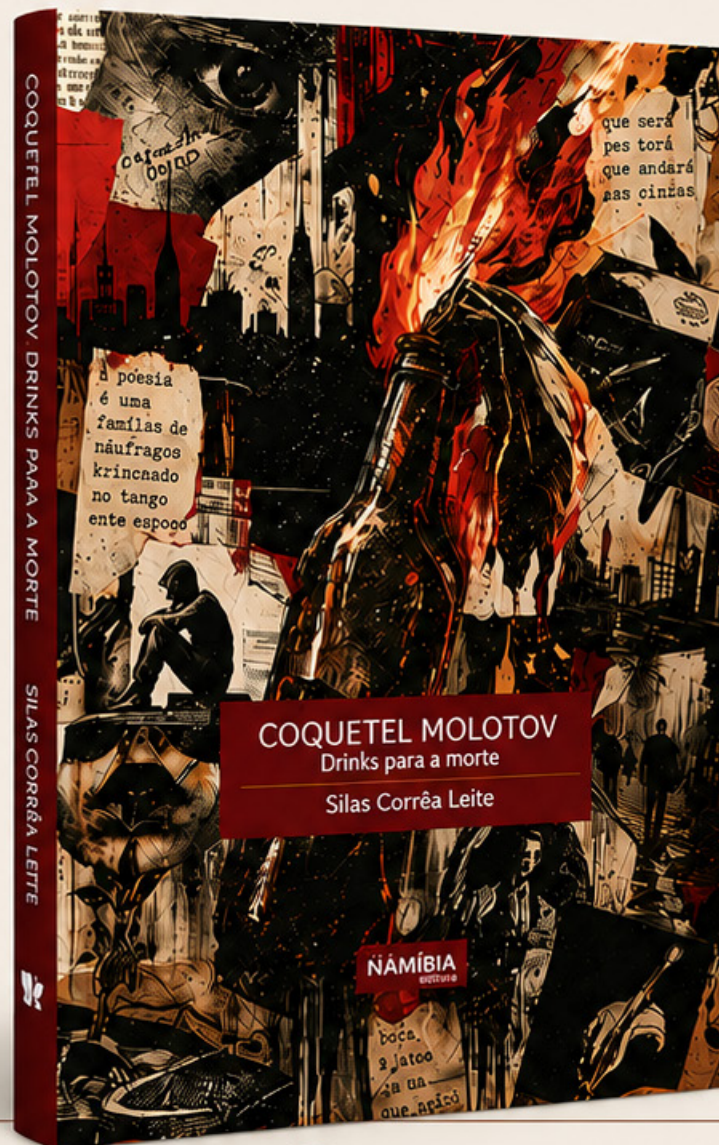
Silas Corrêa Leite

Silas Corrêa Leite transforma a palavra em combustão poética, reunindo versos que oscilam entre lirismo, crítica social e inquietação existencial. Seus poemas percorrem a dor, a morte, o amor, a solidão e os abismos do cotidiano, revelando uma escrita intensa, fragmentada e visceral. Entre referências culturais, ironia e imagens surpreendentes, a obra provoca, desconcerta e emociona, como um brinde à vida em meio ao caos.

“

Cada texto é um estilhaço dessa mistura explosiva que questiona o mundo e o próprio ato de existir. Um livro para quem busca na poesia não apenas beleza, mas também confronto, reflexão e vertigem.

”



SOBRE O AUTOR

Silas Corrêa Leite é escritor, poeta, cronista e contista.

Formado em Geografia, com especialização em Educação pela Universidade Mackenzie e pós-graduação em Literatura na Comunicação, possui extensa trajetória literária, com dezenas de livros publicados e premiações nacionais.

É membro de diversas entidades culturais e autor de obras para diferentes públicos, transitando entre poesia, conto, romance, literatura experimental e literatura juvenil.



PARA COMPRAR

Editora Namíbia
Compre online:

editoranamibia.com.br



CONTATO DO AUTOR



poesilas@terra.com.br



silascorrealeite.com



poetasilascorrealeite.com.br



SITES

silascorrealeite.com

poetasilascorrealeite.com.br

editora
NAMÍBIA

Publicamos palavras
que provocam o mundo.

Disponível nas melhores
livrarias e lojas online.



(11) 94322-4207

Quanto R\$ 50 mil rendem em LCA?

Especialistas discutem

Depois de meses acompanhando o mercado financeiro por meio de newsletters mal-formatadas, o RelevO chegou a uma constatação: o melhor investimento e com retorno imediato é o LCA. Mais especificamente, romper o LCA.

Como o RelevO não gosta de verificar informações (“sou poeta!”) tampouco sabe conversar com a IA – ou se recusa depois de a suposta “inteligência” artificial ter sugerido que manter 300 garrafas de uísque em casa pode não representar um hábito “saúdável” para “uma” pessoa –, nossa reportagem não estava devidamente preparada para as diferentes ideias sob um mesmo acrônimo.

Como poderíamos saber que LCA (Letra de Crédito do Agronegócio) e LCA (Ligamento Cruzado Anterior) são coisas diferentes? Que meu tio assessor de investimentos “opera o LCA” quando está investindo, mas um jogador “opera o LCA” quando se lesiona gravemente? Conferir informações é uma espécie de morte da alma, e todos sabemos que Jornalismo de qualidade exige recursos – coisa que o RelevO não tem e se esforça para afugentar.

Pois bem, depois de também confundir CDB com CBD e fumar um cartão de crédito inteiro, decidimos abraçar a ideia de

criar a própria Asset (gestora de recursos, em português desnecessário) e investir em LCA (até para, quem sabe, obter recursos para algum dia fazer Jornalismo de qualidade). E o que significa investir em LCA? Vamos chegar lá.

Embora exija um aporte inicial relativamente alto, como uma rotação mal calculada, um futebol da firma na quarta-feira ou uma corrida recreativa “só pra pontuar no GymRats” – que o editor, já salivando, havia tristemente entendido como Gin Rats, e cujo brilho dos olhos evanesceu diante do esclarecimento (“anota aí: criar um Gin Rats”) –, o Ligamento Cruzado Anterior continua oferecendo um dos maiores potenciais de movimentação econômica do país.

Um único LCA pode render meses de fisioterapia, consultas ortopédicas, exames de imagem, muletas, joelheira articulada, anti-inflamatórios, afastamento do trabalho, vídeos motivacionais, mensagens de “melhoras” e, dependendo do perfil do investidor, uma cirurgia que ultrapassa facilmente os R\$ 50 mil. Tem dinheiro envolvido aí – praticamente uma economia inteira –, o que significa que tem oportunidade. Ok, mas como isso se transforma em investimento? Já vamos chegar lá...



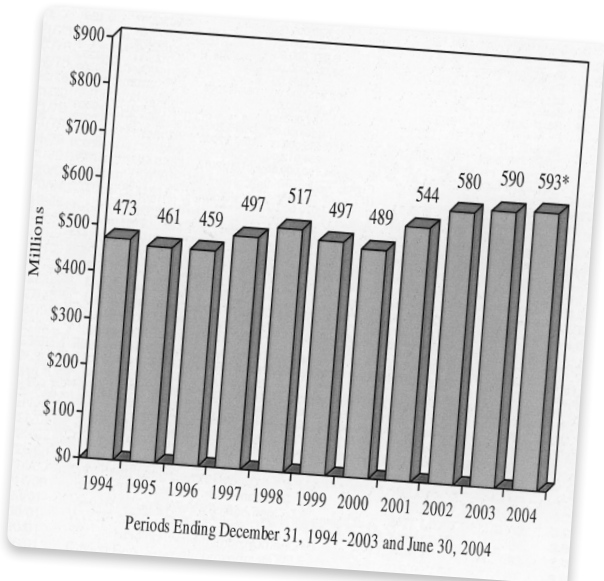


(agradeçam: nunca convertemos nossos raciocínios de voz alta em podcast!)

Veja, analistas observam que o LCA tradicional (ou “*boring*”) costuma apresentar liquidez extremamente baixa porque exige um “prazo de carência mínimo”.

Amigo, se tem alguém em posição de carência é o ser humano que rompeu o LCA, principalmente homem, principalmente bolei-ro, sobretudo se não é herdeiro. E, enfim, depois de aplicado, o capital (assim como o joelho) permanece imobilizado entre seis e 12 meses, período em que o investidor acompanha diariamente a valorização da musculatura da coxa enquanto tenta convencer familiares de que “já está quase bom”. [APROVEITAMOS O ESPAÇO PARA MANDAR UM ABRAÇÃO AO PROFESSOR ROMEU, FISIOTERAPEUTA, NOTÓRIO POR AGRADECER PELA FALTA DE INFORMAÇÃO DE SEUS PACIENTES. “SEMPRE BOM GANHAR DINHEIRO FÁCIL DE VOCÊS”.]

Mas a ideia é pagar alguém para arrebentar seu joelho? Não necessariamente. É tipo um seguro? O RelevO não acredita em seguros. Enfim, tem um *gap* de mercado aí. Um ponto cego. As pessoas envelhecem, seus joelhos enfraquecem. Entre os principais indicadores de risco estão atletas que tiveram um filho nos últimos seis meses; aqueles 30+ que chegam ao campo/quadra dizendo que dormiram “só três horinhas”; e o veterano saliente que garante que “não precisa alongar”. Analistas consideram especialmente preocupante o colega que afirma estar parado há anos, mas tranquiliza a todos com “tenho memória muscular”.



E como convertemos isso em investimento? Cara, isso tava na ponta da língua, só um segundo; a gente vai lembrar. O fato é que o mercado acompanha com atenção um setor considerado promissor pelos analistas: o da tatuagem especializada em recuperação de LCA. Estúdios já estudam portfólios voltados exclusivamente ao público ortopédico, com cicatrizes transformadas em zíperes, raios, joelhos biônicos, parafusos em perspectiva e a inscrição “Volto em seis meses”, posteriormente coberta por outra tatuagem com os dizeres “Mais seis”. A expectativa é que, mantido o ritmo de crescimento das lesões e das apostas esportivas, o segmento passe a disputar espaço com o mercado de micropigmentação e cobertura de cicatrizes, consolidando uma nova economia criativa baseada no trauma esportivo. Alguns especialistas, inclusive, já defendem a criação do primeiro congresso nacional de tatuagem pós-LCA, onde sobreviventes poderão trocar experiências, exibir ressonâncias magnéticas emolduradas e discutir tendências para a temporada seguinte.

Vai dizer que isso não vira investimento? Não rende um podcast? Não dá pra vender curso? Sei lá, hora de bolar outro CDB.

**E N C L A V E**a newsletter do Jornal **RelevO**Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>

Em defesa de *Babilônia*

Sábado à tarde, sol e... shopping. O cenário do inferno: poucos contextos são tão desprazerosos e te despertam tanto para os males da sociedade quanto um shopping lotado. Tudo é brega, triste e, principalmente, cheio. Até o estacionamento é caro – e árduo. Todos os olhares compõem antíteses de beleza, uma atrás da outra.

Era a única sessão de *Babilônia* restante em Curitiba, e eu já chegava à sala parcialmente arrependido. Ademais, sabia que permaneceria mais de três horas naquele lugar, portanto o custo de oportunidade era muito alto (deslocamento + estacionamento + ingresso + desgosto + tempo).

Então *Babilônia* começou – a primeira das duas vezes em que eu me submeteria àqueles mágicos 189 minutos.

Era época de Oscar [*março de 2023*] (acho eu, recebendo gotas do tema após este cair com peso na piscina aberta, respingando nos inocentes ao redor), um dos assuntos mais desinteressantes da civilização. Importar-se com o Oscar é por si só uma postura tão entediante que este enclave sequer procurará argumentar sua posição.

Paralelamente, ou por outro lado, ou de forma contraditória, adoramos virar os olhos para *a crítica*, esse Leviatã imaterial maníaco-depressivo eternamente atrapalhado pela própria

miopia. É divertido, embora angustiante, indignar-se com o louvor a algum produto medíocre, questionar ferramentas (os tomates, os *bots*, o rabo preso) ou defender ferrenhamente uma injustiça, imaginando-se à frente de seu tempo – sem se levar muito a sério, por favor.

Enfim, tentar compreender os mecanismos de raciocínio que elevam ou repudiam uma obra (seja musical, seja audiovisual, seja gastronômica) é um baita exercício de compreensão da cultura, da sociedade e de comportamentos miméticos.

Também já é senso comum estabelecer a fase melancólica de Hollywood – e, vale registrar, não necessariamente do *cinema* (injusta sinédoque...) –, escrava de franquias mastodônticas, reciclagens extremas, algoritmos famintos e, queiramos ou não, esterilidade de produções *tão* politicamente corretas (outro subtópico que não temos interesse em desenvolver).

Pois bem, queremos filmes mais originais, autorais, cujos diretores (simbolicamente) nos estapeiem e proclamem “cala a boca, eu sei o que tô fazendo”. Ao menos dizemos isso em voz alta. Para nossa sorte, recebemos um destes com *Babilônia* (2022), de **Damien Chazelle** (*Whiplash*, *La La Land*, *First Man*).

Babilônia é uma pedrada épica cujos vários atos retratam a passagem do cinema mudo para o sonoro, partindo de 1926. O filme tem muito de *Era uma vez na América* (1984); *Boogie Nights* (1997); *Eyes Wide Shut* (1999); *A Grande Beleza* (2013); *O Grande Gatsby* (2013); *Lobo de Wall Street* (2013) e *Era uma vez em Hollywood* (2019) – e talvez por ter um tanto de tudo, sem recortes, tenha chegado a seus 189 minutos.

- *Era uma vez na América*: crescimento de um grupo; música-tema em variações; melancolia do tempo e suas mudanças; longa duração.
- *Boogie Nights*: por dentro de uma indústria; ascensão e decadência dos envolvidos nessa indústria; produções e vaidade.
- *Eyes Wide Shut*: um dos capítulos, especialmente, é 100% De Olhos Bem Fechados.
- *A Grande Beleza*: festa; glamour; decadência; beleza vs. vazio.
- *O Grande Gatsby*: período parecido, euforia parecida; Tobey Maguire. Muito superior, *Babilônia* é o que Baz Luhrmann gostaria de ter feito com seu *Gatsby*.
- *Lobo de Wall Street*: gente rica se drogando; apogeu e queda; euforia.
- *Era uma vez em Hollywood*: os filmes por dentro; passado de Hollywood; Margot Robbie e Brad Pitt.

No entanto, *Babilônia* teve uma recepção crítica... morna, no mínimo. “Polarizada”. Acreditamos que o Leviatã miope se arrependerá dentro de alguns anos, portanto registramos nossa breve defesa (sem *spoilers*).

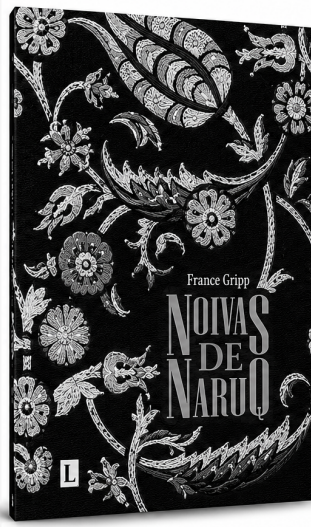
1. O ato inicial do filme, uma festa megalomaniaca (à *Grande Beleza*), é um pináculo de montagem, edição e figurino sozinho mais interessante que a maioria das produções de grande orçamento a terem saído do papel. Há camadas e camadas: ao público basta perder-se e admirar a sequência.
2. A trilha sonora é *monumental*, praticamente um personagem. Quem assina é Justin Hurwitz, também encarregado da função em *Whiplash*, *La La Land* e *First Man*. Tal entrosamento justifica como Chazelle consegue potencializar o trabalho de seu escudeiro por meio de uma edição, *then again*, primorosa. A estratégia Morricônica de estabelecer um tema e desenvolvê-lo em variações seguindo o desenvolvimento dos personagens encaixa precisamente com a filme.
3. Os atores estão *voando*. Entre os protagonistas, **Margot Robbie** impressiona no papel de Nellie, a estrela selvagem adentrando um novo universo de glamour, cocaína, sujeira e vaidade. **Diego Calva** nos cativa como Manny Torres, o imigrante ligeiro. **Brad Pitt** faz o que sempre fez e, justamente, quando se precisa de um personagem-Brad-Pitt na tela, ele ainda é o mais indicado. Menções honrosas a **Jovan Adepo** (trompetista Sidney) e **Jean Smart**, cuja personagem representa, vejam só, a crítica.
4. Há um desenvolvimento concreto, progressivo e realista dos personagens – o que justifica e faz valer os 189 minutos. Trata-se de épocas diferentes, cenários distintos, mudanças drásticas e desfechos variados: não teria graça *pinçar* tudo isso. Sob a perspectiva de Manny, *Babilônia* é praticamente um *Bildungsroman*. A virada de chave do cinema mudo elevou e

derrubou muita gente. Absorvemos isso testemunhando o contexto inicial com calma. Nos situamos, então realmente enxergamos o impacto da mudança. Da mesma forma, a produção não fecha os olhos para a diversidade sociocultural da época e seus respectivos preconceitos. Só não o faz com o didatismo enfadonho com que muitos filmes-massa-amorfa parecem dirigir-se ao Twitter.

5. Todas as cenas retratando produções cinematográficas – isto é, a dificuldade técnica de gravá-las cem anos atrás, em cenários externos ou internos – são extraordinárias, sem tirar nem por. O silêncio, o improvisado, a magia. Esses momentos complementam a conclusão anterior: *entendemos* a magia, portanto, depois disso, a mudança nos afeta e conseguimos sentir os personagens.

6. A cena final (novamente, sem *spoilers*) é um derretimento imperdível; o dedo médio de confiança absoluta do diretor; a autoria em seu êxtase. O fim que merecemos depois de uma jornada divertida, melancólica, megalomaniaca, engraçada, trágica, *bela*. De chorar. *De chorar*. Quem se rendeu não esquece.

Convenhamos, nenhum desses argumentos é grande coisa (“*show, don’t tell*”). Assista ao filme com som alto e coração limpo, depois diga-nos o que achou (por favor!). Três horas não são nada. Por fim, se quiser argumentos ainda piores, saiba que *Babilônia* foi indicado a três categorias do Oscar. Viva o Oscar!



NOIVAS DE NARUQ

Uma jovem pesquisadora brasileira interessada na história e arte do oriente médio embarca rumo a Istambul. O curso de extensão transforma-se em uma travessia inesperada que a leva ao coração de um caravaneiro no deserto. Ali, sob a luz de uma fogueira e o som de uma antiga língua farsí, ela se depara com o maior dos tesouros: a palavra partilhada. O diálogo, aparentemente impossível, entre diferentes línguas e culturas, se dá através de um mosaico de vozes e traduções colaborativas entre estranhos que se tornam amigos. A experiência feminina é o fio condutor que desconstrói estereótipos e revela a inteligência e a resistência de mulheres que, há séculos, moldam o mundo com seus próprios relatos.

France Gripp é autora de *Tudo instante pulsa todo*; *As aventuras de Bera Titan* (juvenil); *O rei dos imóveis* (novela), *Coração incendiário*; *Trilítili Paralela* (poesia infantil). Graduada em Letras, Mestre em Estudos Literários (UFMG). Natural de Governador Valadares (MG), reside em Belo Horizonte (MG).

UMA HISTÓRIA SOBRE CULTURAS, LÍNGUAS E MULHERES QUE ATRAVESSAM TEMPOS E FRONTEIRAS COM PALAVRAS.

PROMOÇÃO DE COMPRA COM A AUTORA:

R\$ 79

+ R\$ 13 DE FRETE TODO BRASIL E AUTÓGRAFO.

CONTATO: francegripp@gmail.com

www.literissima.com.br





Tudo de bom

Hellen Franco

Começou com um ruído de fora. Uma aparição do outro. Como um relacionamento — um canto de acasalar que cola ou não cola. Dessa vez foi a mãe do ex que apareceu. Depois do abísmico término, o grande escuro e o grande vazio, ela vinha como ponte para ele e para o passado. Vinha perguntando como você estava e o que estava fazendo com sua vida. Disse que ficava feliz se isso fosse o melhor para os dois. Disse que ele havia lhe mandado um recado. Que não havia restado mágoa, que ele te desejava tudo de bom. Foi nesse degrau que tu tropeçaste. Você não conseguiu fazer o mesmo. Disse obrigada. Disse obrigada e que estava atrasada para o clube do livro. Iam comentar sobre Mia Couto e *Terra Sonâmbula*. Você se sente Macabéa de tudo. Borocoxoxa. O clube do livro também era sua tentativa de criar algo com destroços. Sua vida toda tinha sido uma rede de tentativas frustradas de se reconstruir com fragmentos de tudo que havia desabado. Viver era sinônimo de resistir. De insistir! Por que não conseguiu desejar tudo de bom para seu ex? O que lhe impedia disso? Saiu mastigando pontos espinhudos de interrogação.

Foi quando você estava caminhante perto das cerejeiras, rosinhas, o céu já adulto de tão azul. A coisa havia sido por um triz. Se tivesse passado por ali uns minutos antes, a velha não teria lhe visto. Dentro o pensamento morto no pasto sem arbustos. Distraída no aquilo você ouve a voz reconhecível ao longe. Puts, era ela. A ex-sogra. Ao menos não era ele, você pensa. Se fosse ele rompantes agressivos surgiriam e você desejante de vermelho-sangue partiria cega sendo só punho socos tapas. Teria vontade de bater. Teria que domar essa vontade. Doeria a briga mesmo se não brigasse. Ela perguntou como você estava. Bem, bem. Correndo atrás das minhas coisas. Estudos, faculdade, livro novo. Ela te responde que ele também tava lutando pra conseguir seus objetivos. Agora estava maluco de tanto estudar. Maluco, foi ela quem disse. Você pensa que bom que ele está estudando ao mesmo tempo que se questiona por que quando estava contigo ele não conseguia. Você olha o rosa-florido na ponta dos galhos iguais dedos tortos na tentativa de tocar algum céu inalcançável. Por dentro espumante como uma cadela raivosa. A boca rigorosa freando todos os dentes. Todas as mordidas. A velha continua. Ele pediu pra lhe dizer, se por acaso um dia a visse por aí, que sente muito e que te deseja tudo de bom. Sente muito, foi o que ela disse. Ele tinha dito essas mesmas palavras diretamente pra ti quando surtou e saiu chorando da tua casa. Fugindo do amor como quem foge de um presente de aniversário — fazia sentido?

A ex-sogra ficou pausada olhando investigante seus olhos fundos de insônia e mágoa. Você muda. Sem sílabas. E disse aquilo atrasada para o clube do livro. Durou pouco mais que dois minutos. A velhota se foi. Aquilo sacudindo inquietação interna continuou.

O redemoinho romântico que dissipava o ódio havia esfriado. Agora o ódio conseguia sorrir den- tuço e pálido. Sua luminosidade aterradora acendia algo em ti que você não gostava de sentir. De admitir. Ouviu em algum lugar que um afeto só encobre outro se for de maior força e no caminho inverso — a solução para vencer o amor era transformá-lo em ódio? Não sabia. Estática, estava ali. Cara de hóstia. Cérebro de miolo de pão. Como se fosse novamente uma brancura de página. Nua de si mesma. Sem tatuagens rupestres para lhe contar quem era. Precisaria revisitar suas referências. Precisaria recompor seu núcleo. Depois de sua vida girar por tanto tempo ao redor de um homem, agora a liberdade era um campo perigoso demais — que armadilhas esconderia? Por enquanto nada. Nenhuma. O máximo que conseguira fora essa página em branco e encará-la por tanto tempo que vertigens e ânsia e ruminações de pasto e caprinos e qualquer nome para essa dor que esmiuçava por de dentro.

Sendo escritora, você sabia que, para superar, teria que transformar isso numa narrativa. Acho que é isso que as pessoas fazem na terapia. Elas narram o passado, dando moldura aos acontecimentos, dando significado, elaborando entendimentos. Foda-se tudo. Não queria pensar. Não queria falar dele em textos. Não queria mais alimentar nada em direção a ele. Havia sido anos e anos e agora você não queria mais olhar para essa montanha gulosa que sempre exigia mais terra barro pedras pra crescer. Queria eliminar o cume. Não queria mais comportar isso enorme dentro e sozinha. Se tentasse narrar se perderia no entre bom e ruim. A relação sempre fora paradoxal. O delicioso sempre intoxicado por venenos do ridículo. O fato é que você não sabe se relacionar e agora culpa ele. Obviamente que ele também não sabia. Não importa. A culpa mais agordalhada era dele. Você culpa ele pela inconstância. Culpa ele por não conseguir te assumir. Culpa ele pela inércia de não trabalhar e nem estudar e de não ter ambições. Culpa ele por não ter te beijado em público antes daquela prova importante. Ainda assim você permaneceu. Por quê? O que te amarrava ali? Sexo você arranjaria fácil. Homens de paus cavaleares fazendo fila pra te foder de forma dilacerante. Você continuava ali porque acreditava nisso do romântico que criou universo de dois. Você se lembra dos defeitos

dele. Listando como quem vai às compras no mercado. Quem faz um *checklist*. São formas de jogar lenha e alimentar o fogo contrário. Ele tinha complexo com seu peso e seu tamanho, magricela e baixinho, se achava pouco másculo, por isso não conseguia deixar os cabelos crescerem, seria demais. Uma coisa comum entre os homens de direita e de esquerda: ambos se relacionam e gostam de travestis, ambos não as assumem. Ele era progressista e isso nesse contexto não significava nada. Ser visto com uma travesti o faria menos homem? Saberem que se relacionou com uma por tanto tempo lhe tiraria a dignidade? Você se lembra do começo da relação, quando ele tinha medo de se apegar, medo de te beijar até no escuro do quarto. Lembra que durante um tempo aprendera a gostar de sexo com humilhações e maus-tratos. Você pensava coisas como “nossa, sou muito safada, olha o que deixo ele fazer comigo”. Era como se ele fosse o único que pudesse te bater e te machucar, na cama e na vida. Bom, agora você colhe o que ele fez contigo. Te abandonou de vez. Essa palavra a-b-a-n-d-o-n-o. Reorbita. Vertiginosamente. O término mostrou que a única com culhões na relação era você. Mostrou que, quando você o chamou de frouxo, tinha razão. Você sabia que foder era brincar de ser objeto. Você sabia que era sujeita de si. Mas ali se permitia ser objeto. Foder era como criar arte. É onde nossa criança interior encontra traumas e os resolve cubo mágico. Onde um quebra-cabeça mesmo desmontado produz uma imagem. É o *playground* dos adultos, jogos e poesia. Para que funcione, os participantes precisam fantasiar objetos e máscaras, papéis e coisas do tipo. Para travestis, as regras não são claras. Tudo parece ser limitante e confuso. Agora pensa que você se reduziu a objeto por tempo demais. Era uma forma de conseguir aproveitar o sexo. O sexo possível pra ti. Era isso que o mundo dizia e era isso que acreditara.

Colocar numa narrativa. Dizer que fora abandonada doía demais. Cada letra vinha como punhal sempre que pensava nisso. Precisava de uma escolha lexical que lhe desse poderes mágicos de superação e não que lhe fizesse vítima passiva. Pensar que talvez ele nunca tenha lhe amado de verdade. Você num lugar pequenino de desaforo, desencanto e desamparo. Como perdoar um cara que lhe dizia amor, lhe fazia tantas delicadezas e doçuras, e ainda assim não conseguia ou não queria te assumir? Alojava em si aquilo sonambulismo sangue de barata. Parada no tempo. O clube do livro era seu máximo. Era o que tinha conseguido tirar disso. Também havia escrito um romance. Escrito alguns contos. Se matriculado num



curso. Queria se ramificar janela afora — que árvore poderia crescer ativa presa dentro desse maldito quarto cor-de-rosa? Pensava sobre a porra do livro que havia escrito, não sabia se era bom o suficiente. Não sabia se tinha conseguido colocar tudo que queria dizer ali. Parece que sempre sobrava um resto. Essa sobra é isso aqui. Você ainda escreve, não pra domar selvageria, mas pra libertá-la. Deixa morder. Deixa doer. Um romance que remoía e roía. Uma personagem principal sem nome. Assim poderia ser qualquer uma. Você estava inerte na vida. Como ele que não conseguia lutar pelos próprios sonhos. Só esperando, sei lá, pelo próximo golpe da vida. Quanto tempo levaria até se livrar disso que corrói ardido? Sentia tanto e muito. Era como se o corpo não coubesse o isso que lhe causava. Era um desmembramento sem desmembrar. Ainda o amava nublado eclipse com raiva. Era amor ainda vivo no fundo da dor.

Tudo de bom. Lembra de ter tentado verbalizar algo assim por uma fração de segundo. A velha ali embasbacada parada em sua frente e você com aquela cara de lousa com restos de pó de giz que o apagador deixou escapar. Tudo de bom. As palavras na ponta da língua conflitaram se desfazendo no fundo do céu da boca. Tudo que conseguiu dizer foi aquela desculpa. Não havia clube nenhum, hoje não era o dia, mas foi o que você pensou naquele momento. Você estava na rua apenas vagando e tentando qualquer movimento. Sair de casa era o primeiro passo, depois outras coisas aconteceriam. Pois bem, aconteceram. Agora você se incomodava consigo mesma, por ter saído, por ter acreditado que uma travesti podia amar, se irritava com a velhota enxerida, com o ex vagabundo inútil — por que todo mundo era tão quebrado? Porque não conseguiu simplesmente desejar tudo de bom? Você sabia que ainda o amava e que se dependesse de você não teriam se separado. Mas dizer tudo de bom era impossível. Desejar-lhe felicidades era duro demais. Ele daria à nova namorada coisas que nunca lhe deu. Coisas básicas como um anel de compromisso, beijos de língua em público e *posts* em redes sociais. Agora ele conseguiria dar tudo isso a uma cis. Enquanto você se arrepende de ter dado a ele tantas chances. Sua covardia de mãos dadas com a dele. Esse era o preço por ter sido tão compreensiva. Você apática

aquarela cítrica. Agora buscando respostas enquanto coloca açúcar demais numa caipirinha e se enjoa com o dulçor e a acidez. Ainda não havia tido peito de encarar a insana liberdade pós-término. Tudo que fazia era chocar um ovo, fazer nascer um monstro dele e depois ser engolida nisso grotesco. No dia seguinte, outro ovo, outro monstro, sumia novamente. Era o ciclo do luto e da angústia. Precisava sair. Precisava beijar outras bocas. Foder outros corpos. Entender que o amor não começou nele e não acabaria ali. Você ainda tinha sua família. Seus amigos. Seus gatinhos ronronantes e fofos que precisavam muito de ti.

Se tratando dele você queria que o carma existisse. Que lhe roubassem a alegria. Que lhe prejudicassem os estudos. Que nunca fosse nada além daquela promessa vazia. Que acabasse como o pai ou o irmão, bêbado de bar em bar, sem amor e sem motivos pra viver e ainda assim vivendo. Você o queria arruinado. Você não admitia isso, mas queria. Pensava até em vinganças. Assumir você mesma que tivera um relacionamento com ele, postando fotos de vocês juntos nas redes sociais e narrando em poucas palavras o que havia acontecido entre vocês. Algo como: namorei por três anos e meio esse palerma da foto — colocaria o nome do palerma da foto —, diria que ele lhe amava, que moraram juntos, mas que ele nunca tinha lhe dado o mínimo que era te assumir. Assim o relacionamento seria real. Assim você mostraria que também podiam te amar. Você se sentia fantasma. Existindo pela metade. Você se sentia injustiçada. Apagada. Quando ele postava fotos de vocês, sempre colocava na legenda “com a minha amiga que amo”. Amiga? Pensava em queimar o *PC gamer*. Pensava em destruir seus livros favoritos. Adiantaria? Talvez fosse mais vergonhoso pra você do que pra ele, afinal, quem foi a otária que permaneceu? O ódio quicava o espelho e voltava a si mesma. Te vem à mente as vezes que saiu passear com amigas e ele lhe tratou diferente por isso. Não era do tipo que lhe diria para não sair, mas se comportava de uma maneira estranha sempre que você saía sem ele. Ficava com ciúmes. Ficava grosso enrijecido tronco de árvore. Isso fez com que você mudasse seus hábitos também. Ele te manipulava de forma passiva, pois nem pra ser escroto tinha brio.

Você se questiona quais perigo corre agora. Morta-viva desse jeito periga nada acontecer. Acha que perdera a capacidade de deixar sua criança solta. Cortou as abas de qualquer ciranda. Por isso hóstia e miolo de pão. Estava no mais insosso de si mesma. Sem gosto de mastigar a vida. Carente de pigmentação. Não sabia se ele era maluco, medroso ou canalha — a quarta hipótese pioral é que fosse as três coisas. Ele te culpava por ter reagido raivosa quando ele te chamou de sem-moral por ter postado uma foto de short. Ele te culpou por conversar com sua sogra, não queria que falassem dele. Dizia que você ultrapassava todos os limites do cabível. Seus erros? Todos foram provenientes de dificuldades dele. A inconstância dele e a incapacidade de te assumir te fizeram agir de maneiras equivocadas, investigando a respeito de seu passado e coisas do tipo. O fato de não nomear um namoro te fez achar que precisava ter outros, deduzia que era isso que ele fazia e não queria ficar por baixo. No começo da relação, ele era muito fechado com carinhos e quando se abriu você já tinha se fechado, colocado seus limites também. Quando começou a te foder te chamando de amorzinho aquilo já não entrava da mesma maneira. Não sabia o que era pior no diálogo sexual: chamá-la de puta ou de amorzinho.

Te chegam notícias de uma segunda onda questionativa, que talvez sobressaia à primeira — será que você não estava usando as coisas que ele fazia como desculpa para fazer exatamente o que queria? Você precisava dele pra justificar suas atitudes de merda e não assumir seus próprios desejos? Não sabia. Achava que não. Ele era o errado e você era a certa. Que ficasse assim. Seria pétalas do paraíso poder eliminar qualquer contradição. O decreto se dissolvia. Se achava também errada e torta. Qualquer certeza chegava raquítica e frágil como as canelas do magricela. Agora você não conseguia mais lembrar as coisas que admirava. A inteligência. A sensibilidade. A conexão literária e filosófica que tiveram. O tempo gigante que passaram juntos trocando o íntimo dos dias e fluídos corporais. O fato de ele ser um homem diferente dos outros. Foi isso que tinha te encantado. Seu olhar doce. Sua fala apaixonada sobre tudo que amava. O passar dos tempos havia *plot twist* com as coisas. Seu rosto agora subia tonalidades avermelhadas ▶

Grandes vozes da América Latina em português.

Destaques do acervo:

Palavras para Depois
conversas com
Pepe Mujica

Patagônia Rebelde
Osvaldo Bayer

O mundo de Então
Martín Caparrós

Mulheres de Fogo
Stella Calloni

Leia o QR Code e garanta
20% OFF
com o Cupom
“RELEVO20”



coragem



pinicantes. Tinha vergonha por ter se enganado tanto. Por ter insistido tanto. Ao mesmo tempo, sentia culpa por não ter perguntado dele para sua ex-sogra, sentia culpa porque sentia saudades, sentia culpa porque ainda o amava, apesar de suas falhas. Isso fazia sentido? Dor e amor sempre caminhavam assim ser de quatro patas? Não sabia. Uma parte de ti nunca mais queria olhar pra cara dele. Uma parte de ti queria que ele aparecesse só para você xingá-lo, falar que era um fraco, preocupado demais com o que os outros iriam pensar, dependente demais da validação de putas e viados desesperados que mantinha por perto só pra receber elogios fáceis. Se culpa por querer ele de volta, queria que ele aparecesse e implorasse perdão, que finalmente fizesse tudo que não havia feito nesses três anos, anel, flores, postagem, lindas declarações em público. Se sentia burra por ter escondido lá no fundo ainda uma esperança. Por ainda querer. Por ainda amar. Você se culpava também por ter visto algo nele que talvez nem fosse real.

Ele parecia sofrer de algo que vinha de uma pressão exacerbada com a possibilidade de qualquer compromisso. Além disso, tinha aquilo de ter medo de ser visto com uma travesti e como isso iria denegrir sua imaculada masculinidade. Os últimos seis meses foram assim. Primeiro, ele te mandou uma carta dizendo que te amava mais que tudo. Que você era a pessoa mais importante na vida dele. Nos dias seguintes, ele preferiu passar o Natal e o Réveillon com outras pessoas. Depois ele postou foto com você, te chamando de amiga. Quando confrontado, ele ficou maluco, discutiram por horas, depois ele veio pedindo desculpas e dizendo que você tinha razão. Porém, depois disso, o relacionamento não foi mais o mesmo. Era como se ele estivesse te punindo por tê-lo feito cair na real do que eram: um casal. Ou era como se um simples rótulo como “ficantes” já o desmoronasse. Engraçadinho – você pensava – se ele assumisse a travesti que amava, aí sim mostraria que era macho de verdade, temeroso assim ficava complicado defendê-lo. Você não aguentava mais o assunto e também não conseguia sair dele. Depois ele veio com aquilo te culpabilizando de xeretar sobre a vida dele com a mãe e etc. Mas como você ficaria segura com um cara como ele? As coisas ficavam redemoinho dentro. Todos os seus erros eram culpa dele. Um erro dele provocava um seu e assim as coisas foram desabando a ponto de não terem mais solução. Você via claro agora. Uma vez ele te pegou falando com outro cara, um dia depois de um dos 300 términos, ele ficou raivoso, e você ficava sem entender, pois vocês tinham terminado e, mesmo antes, vocês não tinham um compromisso monogâmico porque ele não queria isso com você naquele momento. Como agora ele vinha te acusando? Você se questiona – estaria o tesão dele alojado justamente em não me dar o que eu quero?

Tudo de bom. Tudo de bom. Tudo de bom. Espero que ele seja feliz e suma – era o que você dizia para suas amigas. Sempre que falava com ela, tentava ser sucinta para não mostrar que o término havia tirado

um pouco do sorriso do mundo. Sua capacidade de alegria reduzida ao mínimo. Você dizia que havia escrito um livro, falava do curso e do clube do livro para mostrar que sua vida ia além daquele relacionamento e realmente ia, mas o relacionamento fazia falta, lhe dava algo que você não conseguia explicar. Talvez o suicídio de seu pai fosse a raiz desse apego e dependência. Mas saber a fonte do problema não resolve o problema. Você dizia coisas como: se ele for feliz com outra ao menos para de me estorvar. Mas sentia falta do estorvamento. Terminava o namoro numa semana e na outra implorava chorando pra voltar – lágrimas sem valor ou peso, lágrimas que não diziam nada além de transportar sal e açúcar, lágrimas-soro que não curavam nem hidratavam, apenas sabiam cair e reluzir um brilho que era de fora, pois vazias não tinham nada a oferecer. Agora você era como essas lágrimas. Sem substância. Sem força. A raiva – veia colossal cruzando a curva montanhosa de sua testa – comporta o combustível do porvir. O ódio era a solução, era isso, aquele filósofo tinha dito, não sei se Espinosa, era um cabeludinho estranho. Só um afeto contrário e de força superior. Ai, ai, como era engraçadinho a vida. Um amor que diziam que duraria para sempre. Que iriam ser melhores amigos até o fim dos dias. Ele disse que queria segurar a sua mão no seu leito de morte. Você respondeu – se manque, você que vai morrer primeiro e eu seguro a sua –, ele ri. Você agora queria fazer isso com as suas próprias mãos – matá-lo. Não literalmente. Queria matar isso que ele ainda simbolizava. Sua única possibilidade de amor romântico. Será que você tinha sonhado fora do que era permitido? Será que delusionista pensou que podia mais do que podia? Ser assumida nem era seu objetivo de vida, mas note como isso tomava uma importância transcendental quando negado. Você questionava seu próprio valor. Tentava ser melhor do que era. Tentava merecer. Como se o problema fosse você. Travesti solteirona em busca de um diploma e de uma carreira literária. Travesti solteirona mesmo quando dentro de um relacionamento de três anos e meio. Questionante. O que você pode? Até onde você pode ir? Reviravoltando.

Desejo tudo de bom – você poderia ter dito isso àquela velha intrometida. Queria saber se você já estava namorando com outro e coisas desse tipo. Ah! Como o passado ainda despedaça o presente. Você encolhia o pescoço como uma tartaruga dentro do casco autodefesa. Não queria dizer nada. Estava bem. Tinha terminado seu romance. Tinha criado um clube do livro. Estava estudando e ainda conseguia sorrir – olhe meus dentes caninos e molares ainda sabem existir rasgar alegrias. Agora o filho da puta conseguia estudar. O que lhe travava antes? Era a comparação? Uma vez ele tinha lhe dito que o fato de você falar tanto de estudos o feria agulhas em pontos fracos, pois ele estava paralisado justo nisso e os seus sucessos e progressos o cutucavam no mais aberto da ferida. Você não sabia o que fazer.

Uma das coisas doloridíssimas foi ter procurado ele

dias depois do surto e ele lhe responder “não temos mais nada pra conversar”. Vocês que sempre tinham assunto. Vocês que sempre disseram um pro outro que era uma coisa essencial – o diálogo. Quando se tratava de vocês, a conversa nunca tinha fim, atravessam madrugadas falantes e agora findava. O terrível batuque do silêncio. Ainda queria contar pra ele dos seus pequenos sucessos e microvitórias diárias. A vida nunca havia sido fácil pra vocês e ambos continuavam toureando tudo. Queria compartilhar o que estava aprendendo. Coisas bonitas. Coisas interessantes. Sempre que algo mexia forte com você, você ia saltitante falar com ele, como quando o Sauce trazia um graveto do quintal e lhe presenteava. Dividir seu mundo era como você dizia que ele era importante. Quando lia um livro pensava nele – agora não tinha para quem enviar parágrafos literários que exorbitavam beleza. Agora não tinha com quem trocar mensagens inúteis no meio do dia falando coisas sem importância ou fazendo observações soltas sobre a vida. Não tinha para quem mostrar seus escritos em primeira mão. Suas músicas nunca mais seriam tocadas. Agora você só tinha isso que sobrava do relacionamento. O depois do fim. O resto de amor querendo virar outra coisa. A raiva e frustração dando força pra seguir. O medo do novo travando tudo. A liberdade flor aberta virando a esquina te esperando e você na maior parte do tempo sem conseguir sair de casa. A assombração de si mesma vagando pelos cômodos sem forças para entrar no corpo e fazer alguma coisa. Tudo de bom. Poderia ter dito da boca pra fora. Mas não disse. Não seria capaz. Acreditar nele por tanto tempo já havia sido traição o suficiente. Não podia mais trair. Você olha o Sol no umbigo do céu. Respira fundo. Sabe que ainda vive. Isso parece um pouco morrer, mas ainda vive. Morte de um amor. Morte de uma parte de si mesma. Morte de um mundinho particular de abrigo compartilhado. Sabe que ainda resta o que fazer. Que ainda lhe sobram caminhos. Às vezes terminar um namoro parece o fim da alegria do mundo. O fim de qualquer possibilidade. Você pensa no farol aceso que existe algo além. Algo além da angústia, você só precisava atravessar, enfrentar a passagem disso, atravessar o fantasma, evaporá-lo. Você sabia disso, mas saber não resolvia nada. De olhos fechados você sente as pálpebras tingidas de rubro. Foda-se o magricela, você pensa. Fala pra si mesma, sem se importar que qualquer maluco ouvisse, quentinha dos raios e viva, as palavras: tudo de bom.



Hellen Franco (1988) nasceu em Sorocaba (SP) e mora atualmente em Piedade (SP). É escritora e travesti.



Walter Benjamin
Tradução de Gabriel Nunes

Der Dichter

Um den Thron des Zeus versammelt standen
Die Olympier. Und es sprach Apoll
Fragend seinen Blick zu Zeus gewendet:
“Großer Zeus in Deiner mächt’gen Schöpfung
Kann ich jedes einzelne erkennen,
Scharfen Blicks es sondernd von den andern
Nur den Dichter suche ich vergebens”.
Ihm erwidernnd gab der Herrscher Antwort:
“Sieh hinunter auf’s Gebirg des Lebens,
Auf den steilen Felsengrad, wo wandern
Hin im ewigen Wechsel die Geschlechter.
In dem bunten Zuge siehst die einen
Jammernd fleh’n Du, mit erhob’nen Händen,
Andere wieder siehst Du lachend spielen
Blumen haschend an dem Felsen-Abgrund;

Manche siehst Du stumm die Straße schleichen,
Leer zu Boden ihren Blick geheftet.
Zahllos viele find’st Du in der Menge
Stets verschied’nen Geistes und Gebarens;
Doch den Dichter suchst Du dort vergebens.
Schau zum Rand der großen Felsenstraße,
Wo in jähem steilen Sturz die Felsen
Ewig donnern in die schwarze Tiefe.
Sieh, am Rand des ungeheuren Abgrunds,
Da gewahrst Du Einen sorglos stehend
Zwischen schwarzer Nacht und buntem Leben.
Dieser steht in wandelloser Ruhe
Einsam, abseits von der Lebensstraße.
Bald den tiefen Blick in sich gerichtet,
Mutig bald zu uns hinauf ins Licht,
Bald auch großen Schauens auf die Menge.
Ew’ge Züge schreibt sein Griffel nieder. –
Diesen siehe und erkenn – er ist der Dichter”.

O Poeta

Em volta do trono de Zeus, reuniam-se
Os olímpicos. Apolo, com um ar indagador,
Voltando seu olhar para Zeus, então, disse:
“Grande Zeus, em tua poderosa criação,
Consigo, com o olhar afiado, reconhecer cada um entre todos,
Separando-os uns dos outros.
Só o poeta eu procuro em vão”.
O soberano retorquiou-lhe a seguinte resposta:
“Olha, lá embaixo, sobre a montanha da vida,
No íngreme declive rochoso, lá, onde as gerações
Caminham em eterna mudança.
No séquito colorido, verás uns a suplicar,
Lamentosos, com as mãos levantadas aos céus;
Outros, verás aos risos, brincando,
Apanhando flores no abismo de rochas;

Alguns verás vagando silenciosamente pela rua,
Com seu olhar vazio fixado no chão.
Na multidão, encontrarás sempre
Incontáveis seres de diferentes espírito e hábitos;
Porém, ali, procurarás em vão pelo poeta.
Fixa o olhar na margem da grande estrada rochosa,
No declive escarpado e íngreme, onde rochas, perpetuamente,
Rolam troantes rumo à profundidade escura.
Olha, na borda do descomunal abismo,
Lá, avistarás alguém, de pé, despreocupado,
Entre a noite escura e a vida colorida.
Ele fica, ali, numa imperturbável calma,
Solitário, afastado da estrada dos vivos.
Ora com o olhar profundo voltado a si mesmo,
Ora com o olhar corajosamente voltado a nós, aqui em cima, na luz,
Ora, também, contemplando a multidão,
Seu buril escreve traços eternizados.
Olha-o e reconhece-o – este é o poeta”.



<https://tinyurl.com/hereges>



Grãos das 5 regiões

Norte

Nordeste

Sul

Sudeste

Centro-Oeste

📍 Campo Grande - MS • 📷 @ramitacafes • 🛒 loja.ramitacafes.com.br



■ Sonett 23

*Nun ist der Schleier weggezogen
Ich blicke so ins Herz der Welt
Wie wir nicht sollen Unverstellt
Sah ich das Feuer darin wogen*

*Da mich vom Widerschein umflogen
Die ewige Flamme die erhellt
Mit einem kühlen Hauch befällt
Fühl ich mich innerlich betrogen*

*Ich war versunken anzuschauen
Ein Feuer das sich selbst verhüllt
Das Weltall unter seinen Brauen*

*Mein Schicksal hat sich nicht erfüllt
Geblendet droh ich zu vergessen
Sein Leben das mir zugemessen.*

Soneto 23

Agora o véu foi retirado
Olho assim ao coração do mundo
Vi sem disfarce o fogo fundo
Como não devíamos ter olhado

Do reflexo em volta voava-me
A chama eterna, que brilhava
Com sopro frio atacava
Enganado dentro sinto-me

Absorto a contemplar
Um fogo que a si mesmo ocultava
O cosmos possível de olhar

Meu destino não se efetuava
Cegado ameaço não me lembrar
Sua vida que busco valorizar.

Sonett 35

*Ob ich den Freund so fragtest du mich liebe?
Also erlösend was sich jahrlang staute
In deiner Stimme welcher ich vertraute
Ihr Hauch zeschmelzte das Kristall der Triebe*

*In meiner Tränen wolkiges Geschiebe
Ihr Wort verwandelte die Brust zur Laute
Die unter deiner süßen Frage taute
Verstohlnes Ja daran ward ich zum Diebe*

*Doch meiner Lippe im Bekennen träge
Harrte ein Meister der sie besser prägte
Die Hand die zagt ob sie dem Freund sich schenkt*

*Hat er ergriffen der sie härter lenkt
Daß sie das Herz das liebte im Geheimnen
Nun aller Welt verschütten muß in Reimen.*

Soneto 35

Se meu amigo eu amo me perguntas?
Remindo o que há anos eu sufocava
Na tua voz que tanto confiava
O cristal das pulsões que teu sopro dissolvas.

No resíduo de minhas lágrimas nebuloso
Tua palavra transfigura o peito em alaúde
Que sob o lene enigma derreteu e amiúde
Tornou-me ladrão o sim sigiloso

Estão meus lábios lentamente a confessar
O mestre anseia que os possa melhor cunhar
A mão que hesita ao amigo se oferecer

Fortemente ele foi a prender
Para que o coração que em segredo amara
Em rimas o mundo todo entorne agora.

Sonett 58

*Wenn ich ein Lied beginne
So hält es ein
Und werd ich deiner inne
Es ist ein Schein*

*So wollte dich die Minne
Gering und klein
Auf daß ich dich gewinne
Mit Einsamsein*

*Drum bist du mir entglitten
Bis ich erfuhr
Nur fehlerlosen Bitten*

*Verrät Natur
Und nur entrückten Tritten
Die selige Spur.*

Soneto 58

Quando começo uma canção
Ela logo se contém
Vejo-te em meu coração
Ilusão que me provém

Assim te quis o Amor
Ínfimo, vão
Para que eu seja o conquistador
Pela solidão

Assim, ias me escapando
Até que experimentei
A natureza revelando

Para o rogo que não erra
E para passos se afastando
O rastro puro que se desterra.



Walter Benjamin, no Brasil, é amplamente reconhecido como um dos mais proeminentes filósofos alemães do século 20. Porém, o que pouca gente sabe é que ele também foi poeta. Sua primeira publicação, em 1910, foi justamente um poema — “O poeta” (aqui traduzido) —, assinado com o pseudônimo “Ardor” e veiculado na revista *Der Anfang* (O Começo), voltada para o movimento estudantil da época. É, no entanto, entre 1915 e 1925 que Benjamin produz seu mais extenso e complexo trabalho poético: um conjunto de 73 sonetos dedicados à memória de seu amigo Fritz Heinle. Poeta e companheiro de Benjamin no movimento estudantil, Heinle cometeu suicídio em 8 de agosto de 1914, ao lado de sua noiva Rika Seligson, em protesto contra os horrores da Primeira Guerra Mundial que se iniciava. Desse ciclo, apresento aqui três sonetos. Há ainda outros poemas e sonetos dispersos em seu espólio (dos quais trago aqui o soneto “Ressurreição”). Espero que este conjunto de traduções ajude a apresentar, no Brasil, uma imagem ainda mais instigante desse pensador inquieto que foi Walter Benjamin.

Gabriel Nunes (1996) é pesquisador e tradutor. Nasceu em Palmeira d'Oeste (SP). Mora em Uberlândia (MG).



Da obscuridade da lâmpada à falta de fôlego do gênio

Diogo Santiago

Ao redor do berço, nada se discerne. Bebê Gênio Não se dá conta da separação entre o mim e o mundo. Desde o princípio, porém, agem nele as coisas externas: e ao mesmo tempo que o mantêm vivo, elas são mais ou menos confortáveis.¹

Ainda que *Baby Genius* não o saiba, nem tudo ao redor do berço é objeto.

A idade, o gênero, a aparência, o odor, a aptidão física dos sujeitos ao redor de um berço importam muito no conforto do seu miolo.

Algo não menos importante nessa distinção é a categoria socioprofissional.

Antes de se interessar pelo tamanho das línguas e plumas geniais, o crítico literário se debruça portanto sobre as coisas que rodeiam os berços. Cor, forma, massa, densidade, volume: tantos atributos ambientes que geralmente esquecemos quando tentamos resumir este ou aquele percurso – as marcas deixadas no gênio pelo contato com essas matérias primárias são no entanto indelévels.

*

Na segunda metade do século 20, a sociologia estabeleceu os critérios que determinam a classe social de qualquer miolo de berço. Mas basta um curto contato com as redes sociais dos nossos oradores de carteirinha para que se perceba que eles continuam com a vista embaçada dos primeiros dias.

Atire a primeira pedra quem pelo seu meio não for determinado! Perante a dureza da rocha, a água se admira; perante a moleza da água, quem se admira é a rocha. Afecções de classe geram afetos de classe; as mesmas causas sempre produzem os mesmos efeitos. Não há portanto razões para que condenemos os medíocres por se pensarem gênios.

Há muito, venho apontando para a importância de não parar de escrever sobre as determinações que levam grande parte dos detentores do verbo a gostar dos mesmos documentários, das mesmas canções, dos mesmos romances. A história é uma tragicômica sucessão de contemporaneidades e os traços que o literato deixa pelo caminho são de valor primordial para o historiador. Conversa pra boi dormir? Talvez. Mas, quando olho para o lado, vejo que, em reação a algumas verdades dolorosas publicadas no jornal a respeito das suas práticas falsárias, os gênios editoriais de plantão andam por aí falando de “capital simbólico” como se fosse uma coisa simples. Intrépidos autômatos. Para se safar em público das próprias pulsões elitistas, eles se comparam a Musk e a Bezos: entre os bilhões de

dólares dos magnatas do Vale do Silício e os quinze mil reais que faturam por mês com suas lojinhas de papel, eles não enxergam nada. *Sinto-me mais próximo do proletariado que da burguesia*, balbuciam eles, em *live* improvisada. *Tenho menos coisa em comum com Zuckerberg que com minha empregada*, insistem, com a voz trêmula.

Inocente ventríloquo da barba lavada. Não entendo mesmo que o capital financeiro não basta para definir a classe social de um sujeito. Não enxergas os meandros dos capitais social, cultural e escolar, e por conseguinte não sabes que é em conjunto que eles produzem o simbólico. Por não te saberes nem herdeiro nem semiletrado (tampouco medíocre), continuarás comportando-te como se não tiveste nada a ver com a farsa. Tadinho, não sabes o que dizes. Felizmente, também não sabes escrever, e serás logo esquecido.

*

Em um texto intitulado “Pela liberdade da escola e pela liberdade de ser burro”, publicado em 1917², o italiano Antonio Gramsci denuncia as concessões em matéria de educação nacional que tinham feito à igreja os ministros Credaro e Grippo³.

Concederam que os religiosos possam mandar seus alunos fazer uma prova lá onde é mais fácil passar, lá onde os examinadores se encontram ligados aos candidatos por vínculos de interesse político e sectário, lá onde podem facilmente corromper os examinadores. [...] Assim, será possível aos jovens abastados, que não tenham estudado, ir por exemplo de Torino à Calábria em busca de um examinador que os fará passar na prova mesmo que não saibam nada, enquanto um jovem que escolherá fazer a prova nas escolas de Torino deverá estudar, sacrificar-se, e após ter feito todo o trabalho necessário, será ultrapassado por aquele do qual a família consegue fazer um doutor em o mantendo burro.

Obviamente, o que Gramsci analisa aí cabe à Itália.

Na governança tupiniquim, a necessidade de regulamentar a educação nacional chegou em 1930, por causa da crise do café. Era necessário instituir e disseminar um ensino básico para que a classe trabalhadora brasileira não danificasse, por ignorância, a maquinaria de segunda mão que chegava do Ocidente para reabilitar a indústria nacional.

Desde o começo, em outros termos, a escola brasileira é colonial e dividida em dois: para os herdeiros da Casa Grande uma – particular e arejada; para os da Senzala outra – pública e superlotada.

Como o pacto capitalista com a parte branca da população mundial ia de vento em popa, os novos chegantes europeus, financiados pelo Governo, tiveram na época do primeiro programa nacional de educação os mesmos privilégios dos netos dos bandeirantes. No Brasil, é desde sempre que a governança concede que os herdeiros de *raça branca* “possam mandar seus alunos fazer uma prova lá onde é mais fácil passar, lá onde os examinadores se encontram ligados aos candidatos por vínculos de interesse político e sectário, lá onde podem facilmente corromper os examinadores”. Ou seja: escola *particular*.

Quando FHC assume a presidência, a concessão se estende ao ensino superior.

*

“Vínculos de interesse político e sectário”, eis o nó do borogodó. Os examinadores, efetivamente, nunca erram a nota dos que pagam a conta.

Do vasto cambalacho do qual emanam esses diplomas, sobe também uma catanga de morbidez. Quando tento imaginar que, apesar de tantos privilégios, apesar de tanta certeza na prosperidade do futuro, apesar de tantas viagens de avião e tanta água de coco à sombra do guarda-sol, esses branquinhos vão desenvolver uma vontade visceral de estudar a fundo o *método experimental* em Bacon, o *cogito* em Descartes, o *afeto* em Spinoza, quando tento imaginar essas coisas, sinto-me na pele do doido varrido que arremessa pela janela o seu centésimo prato, acreditando que, este, vai voar.

Vale repetir em outros termos que, de tanta hegemonia, o gênio termina definhando. É assim que os impérios caem.

*

*A mercadoria “instrução” tem pouco valor na Itália, mesmo que seja cara; o que tem valor é a mercadoria “certificado”, que em contrapartida é baratíssima.*⁴

A faculdade particular no Brasil ficou bem baratinha. Duas funções nisso: diplomar os atuais branquinhos que por questão de classe não precisam fazer esforço; e, dar emprego aos jumentos que os pariram.

Efetivamente, quando xereto a usina de diplomas em que se transformaram as capitais brasileiras, vejo vários dos meus antigos camaradas de universidade que, após terem obtido aos trancos e barrancos um diploma de mestrado, andam enchendo de injunções contraditórias a cabeça oca de um corpo discente cada vez mais pálido e desamparado.



Em artigo intitulado “Narrativas com fôlego”, e publicado em 2007 na revista *Letras de Hoje*⁵, Tânia Ramos, então pesquisadora na UFSC, dá o tom do seu interesse: “tenho buscado escritoras brasileiras contemporâneas [...] que estejam mostrando a sua produção literária em livros de autoria, antologias, coletâneas, revistas literárias ou espaços virtuais de *sites* ou *blogs*”. Após ter lembrado que podem variar as interpretações acerca da qualidade dos textos encontrados, ter realçado a impossibilidade para o pesquisador de permanecer indiferente perante o movimento dado ao começo do século 21 brasileiro pela sua nova geração de escritoras, e ter confirmado que a crise da subjetividade trouxe para a produção contemporânea e para a crítica literária a crise da modernidade e das utopias, Ramos ofega:

Nessa saudável procura de novas vozes narrativas, o que tenho encontrado? Contos, muitos contos. Leio e respiro, leio e esqueço, leio e me perco, em uma errância contínua, no sentido mesmo de errar, de apagar e começar de novo, de me perder entre tantos nomes. O que fazer, então, quando se procura narrativas com mais fôlego?⁶

Ainda que perdida entre tantos textos curtos, a pesquisadora é categórica: “uso aqui ‘com fôlego’ como um gesto da autoria e como um gesto de leitura”. Reformulando: que fazer enquanto leitora quando procuro autoras com fôlego e não as encontro? Para além de perda, Ramos parece impressionada. Mas é só aparência. Enquanto pesquisadora, ela deve saber que nada sai do nada; e que mais que manjada é a dominação masculina do campo literário – para não falar do mercado editorial. Qualquer pesquisa que se baseie no gênero terá portanto vocação a revelar a urgência na liberação do verbo feminino, verbo abafado a ferro e fogo pelo patriarcalismo. E essa urgência bastaria para justificar a brevidade nas narrativas femininas publicadas no começo do século.

Paralelamente ao gênero, há porém a classe, mas o artigo de Ramos, ainda que pertinente, é curto e circunscrito: por razões de protocolo, não cabem nele quaisquer análises sociológicas dos critérios sociais que determinam a brevidade na pluma das escritoras que agitam a época. Se procurássemos conhecer a categoria socioprofissional dos avós e pais de cada uma das escritoras de pavio curto que agitam a cena literária nacional, obteríamos, no entanto, constantes. Pois, ainda que permaneça viva a questão em torno da equivalência entre as leis da física e as da sociologia, já ficou mais que provado que, desde que se mantenham os critérios da investigação e da análise, os resultados apresentados pelo sociólogo são sempre os mesmos. Assim como não se pode esperar que da prole de um casal de brasileiros saia um filho falando russo, não dá para pensar que das escolas em que o esforço não é prerrogativa para o êxito saiam escritoras ou escritores com fôlego para engendrar um *Guerra e Paz*.

Não conseguem nem ler um romance desse tamanho, quanto mais escrever.

Em um ensaio crítico e polêmico intitulado *Contra a obscuridade*⁷, Marcel Proust, após ter mencionado um “erro de estética” que lhe parece “destituir de talento” muitos “jovens originais” do seu tempo, acrescenta:

se é que o talento é efetivamente mais que a originalidade do temperamento, quero dizer, o poder de reduzir um temperamento original às leis gerais da arte, ao gênio permanente da língua. Esse poder faz certamente falta em muitos, mas outros, suficientemente dotados para adquiri-lo, parecem sistematicamente não pretendê-lo. Seria a dupla obscuridade que disso resulta nas suas obras – obscuridade das ideias e das imagens por um lado, obscuridade gramatical por outro – justificável em literatura?⁸

Como justificar tanta obscuridade em peles e águas tão cristalinas? Como justificar que tantos “jovens abastados” tenham tão pouco fôlego para redigir uma boa crítica, um bom romance?

Outra pergunta que pode ainda brotar no chapéu do encanto é: por que quase ninguém discorre sobre as leis sociais que determinam a falta de fôlego do *Baby Genius* e a obscuridade da sua lâmpada? Ora, simplesmente porque os detentores do microfone e da página no Brasil são esses mesmos que saem das escolas e faculdades particulares em cujo frontão se lê em filigrana: papai pagou, filhinho passou.

Se quase ninguém comenta nem a “obscuridade das ideias e das imagens” nem a “obscuridade gramatical” desses *jovens abastados* (que terminam literatos porque da matemática escolar nada entenderam) é porque, simplesmente, quase ninguém no campo literário e no mercado editorial sai do proletariado – e os poucos que dele saem, ou tiveram uma instrução sucateada, ou estão ocupados demais com as estratégias adulatórias que têm que adotar para garantir um lugar ao sol.

Há uma condição para que um sujeito se ponha a abordar de frente assuntos assim, uma condição para que ele se ponha a mostrar que a falta de fôlego do escritor brasileiro é produzida pela mesma escola que, mantendo a ordem colonial, faz dele um escritor.

Essa condição é não a coragem, tampouco a sagacidade, mas a *barbárie*.

Assim como o escritor argelino Kateb Yacine perante a brutalidade colonial francesa, eu, perante a inocência insípida e semiletrada do clubinho literário brasileiro, “sinto que tenho tantas coisas a dizer que é melhor que eu não seja demasiado culto: tenho que manter uma espécie de barbárie, tenho que permanecer bárbaro”.⁹

A pele da lâmpada literária brasileira continua portanto suave como a de um pêssego. Dessa frescura aveludada, o suco que sai é decerto doce. Mas não sabe *Baby Genius* que, desde os iambos de Arquíloco, doçura não faz Literatura. Quando somada

ao *crossfit*, a candura, ofegante, parece mesmo sem cura. Minha persistência, todavia, tem pata de siri e perdura: escrevo, obrigado, para suturar essa pálida e pueril aventura.

Notas

1. Alusão feita ao percurso da personagem Modus, em Sandra Lucbert & Frédéric Lordon, *Pulsion*, Paris, La Découverte, 2025, 608 p. Desconhecida do leitorado brasileiro, Lucbert é no entanto uma das autoras mais inovadoras da literatura contemporânea francesa. De Lordon, podemos dizer que se trata da principal cabeça pensante da atual esquerda francesa. O mais recente dos seus longos ensaios filosóficos, intitulado *Figures du communisme* (La Fabrique, 2021) foi traduzido por mim e está no prelo da editora Elefante (São Paulo).
2. “Per la libertà della scuola”, em *Il Momento*, 11 de abril de 1917. Ver “Pela liberdade da escola e pela liberdade de ser burro”, tradução Diogo Santiago, Revista Jacobin, disponível na internet.
3. Luigi Credaro (1860-1939), filósofo, especialista em Pedagogia, responsável pela instituição do Liceu Moderno, ministro da Instrução pública de 1910 a 1914. Pasquale Grippio (1845-1933), político, ministro da Instrução Pública de 1914 a 1916.
4. Gramsci, *op. cit.*
5. Tânia Regina Oliveira Ramos, “Narrativas com fôlego”, *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, pp. 32-41, dezembro de 2007.
6. *Ibidem*, p. 33.
7. Marcel Proust, “Contre l’obscurité”, Paris, *La Revue Blanche*, 1896 (ano da publicação do seu primeiro livro: *Les Plaisirs des Jours* – coletânea de poemas em prosa recentemente publicada, em 2023, pela editora portuguesa Relógio d’Água com o título *Os Prazeres e os Dias*, tradução de Manuel João Gomes).
8. Cf. “Contra a obscuridade”, tradução minha, no prelo.
9. *Je sens que j’ai tellement de choses à dire qu’il vaut mieux que je ne sois pas trop cultivé. Il faut que je garde une espèce de barbarie, il faut que je reste barbare*. Em Louisa Yousfi, *Rester barbare*, Paris, La Fabrique, 2022, p. 11. Cf. Louisa Yousfi, *Permanecer bárbaro – não-brancos contra o império*, tradução minha, São Paulo, Glac & Autonomia Literária, 2025, p. 31.



Diogo Santiago (1981) é tradutor, romancista, ensaísta e crítico literário. Nasceu em Recife-PE. Mora em Valréas, na França.

Pontos de distribuição do Jornal RelevO (é só chegar e pegar!)

Alagoas
MACEIÓ
Livraria Novo Jardim

Amapá
MACAPÁ
Biblioteca Pública Elcy Lacerda

Amazonas
MANAUS
Kalena Café
O Alienígena da Amazônia
Sebo Édipoeira

Bahia
FEIRA DE SANTANA
SerTão Doce
ILHÉUS
Badauê Livros, Discos e Café
JUAZEIRO
Sebo nas Canelas
SALVADOR
Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS)
Livraria
Escariz

Ceará
FORTALEZA
Rede Jangada Literária
Reboot Comic Store
JUAZEIRO DO NORTE
Solaris Sebo

Distrito Federal
BRASÍLIA
Circulares Livraria
Los Baristas Casa de Cafés
Oto Livraria
Quanto Café
Paradeiro 309

Espírito Santo
ANCHIETA
Lúcia Livraria
DORES DO RIO PRETO
A Cafeteria
MARATAÍZES
Marítimo Restaurante e Lounge Bar

SÃO MATEUS
Livraria Sebo & Arte
VITÓRIA
Catraia Livros e Leitura
Cheiro de Livro Sebo

Goiás
GOIÂNIA
Casa Pomar
Livraria Palavrear

Maranhão
SÃO LUIS
Rede Ilha Literária

Mato Grosso
CUIABÁ
Raro Ruído
Tcha por Discos - Vinyl Store

Mato Grosso do Sul
CAMPO GRANDE
Banca Modular
Hámor Livraria
Ramita Cafés
DOURADOS
Livraria Canto das Letras
Sebo Café Leitura

Minas Gerais
BELO HORIZONTE
Amoras Café
Café CentoeQuatro Editora UFMG
Livraria Casa Literíssima
Livraria da Rua
Livraria do Belas
Livraria Dona Clara
Livraria Jenipapo BH
Livraria Outlet de Livro
Quixote Livraria e Café
CÁSSIA
Livraria da Praça
ITAJUBÁ
Lume Livraria
Sebo da Cris
OURO PRETO
Rena Café
POÇOS DE CALDAS
Sebo Travessa Cultural
POUSO ALEGRE
Sebo Santa Sofia
SABARÁ
Sou de Minas, Uai
SÃO JOÃO DEL REI
Adro Mais Centro Cultural
Livraria Café Itatiaia
Taberna D'Omar
SÃO TOMÉ DAS LETRAS
Caverna Café
TIRADENTES
Cafeteria Tiradentes
UBERABA
Lemos & Cruz Livraria
UBERLÂNDIA
Domus Brasiliis Livraria
Maru Café Especial

Livraria Plural
Sabiá Livros
Samsara Espaço Esotérico

Pará
BELÉM
Casa Arari Livraria e Cafeteria
Livraria Boiúna
Rede Amazônia Literária

Paraíba
JOÃO PESSOA
Abô Botânica e Café
SOLÂNEA
Binário Café

Paraná
ANTONINA
Livraria da Barca
ARAUCÁRIA
Boutique Café
Casa Eliseu Voronkoff
Panificadora EL Grano
Porão Cavalo Baio
CAMBÉ
Espacio La Mezcla
CIANORTE
Café 513
COLOMBO
Livraria e Papelaria Colombo
Parque Municipal Gruta do Bacaetava

CURITIBA
Abuela Plantas
Ah! Cafeteria
Ainda Bem Café
Ao Distinto Cavalheiro
Arcádia Sebo & Café
Argenta Cafés
Asteristico Café
Ateliê CADERNO LISTRADO
Baba Salim
Bar do Dante
Bar Makiolka
Bar Otelo Ben Café
Bar Stuart
Barleria
Biblioteca Pública do Paraná
Bonin Bakery
Botanique Oásis
Brains Coworking
BrauBrau
Café 217
Café Cultura (Cabral)
Café do Canto
Café Degusto
Café Demoiselle
Café do Espaço
Café do Mercado
Café do Viajante
Café e Livraria Solar do Rosário
Café Encantado
Café Lisboa
Caffè Per Tutti Juvevê
Casa das Bolachas
Casa Luce
Cataia Bar
Centro Portfólio de Fotografia
Coffeeterie
Colégio Medianeira
Cordelo Café
D'House
Dalat Café
EH Brewing CO.
Emily Doces
Empório Kaveh Kanes
Estação Chelsea
Estação Literária Osório
Estúdio Latino de Design
Estúdio Riachuelo
Fabrika Pães & Café
Fingen Café
Five Lab
Floreria Café Bar
Fubá Café
Fuga Café
Fundação Cultural de Curitiba
Gabo Livros
Gerência Faróis do Saber
Giardino Café
Gisele Farias Estética Avançada
Go Coffee Água Verde
Grimm Haus Sebo & Livraria
Hype Brasil
Itiban Comics Shop
Isis Café
Janaíno Vegan Bar
Joaquim Livraria
Jokers Bar
JoyJoy Café
Kaffe-Kantate Cafés Especiais
Klas Café Torrefação & Cafeteria
La Belle Époque
Liquori da XV
Livraria Arte & Letra
Livraria do Chain
Livraria Vertov

Love City
Mabu Hotel
Maçã Padaria
Macro Bar e Pista
Mad Jack Beer Lab
Mafalda Café e Bistrô
Maitê Livros
Mamãe Urso Café
Manana Cafés (Bigorrilho)
Manana Cafés (Centro)
Manekos Bar
Maniacs Brewing Co
Manifesto Café
MediaLuna Café
MoaCoa Café
Nex House
O Pensador
O Próximo Café
Obrigado Pelos Transtornos
Oba Sebo e Livraria
Onça Bêbada
Ópera Arte
Ópera Garden Café
Ostra Bêbada
Oz Chocolate
Pão Prosa
Padaria América
Pango Café & Bar
Páprica Vegan
Pátio Café
Provence Boulangerie
Purple Cat
Purple Reis
Quintal do Almirante
R7 Pub
Rango de Planta
ROS Coffee, Wine & Cocktails
Royalty Café
Sala Café Living
Santa Cruz Centro Universitário
Savarin Music
Schnaps Bar
Sebinho FATO Agenda
Sebo Kapricho Comendador
Sebo Releituras Centro
Sebo Releituras Portão
Sebo Santos
SESC Paço da Liberdade
Space Cat
Supernova Coffee Roasters
Tangerina Café
Teatro Enio Carvalho
Teatro Guaira Comunicação
Teatro José Maria Santos
Telaranha Livraria e Café
Temporal Cafés Especiais
Tumi Café
UFPR Prédio Histórico
UFPR Reitoria
UP Santos Andrade
UTFPR Bloco E
Utopia Tropical Chocolates
Veg e Veg
Vicafé
Viva la Vegan
FOZ DO IGUAÇU
Consciência Café
Europa Bar Livraria Kunda
GUARAPUAVA
Gato Preto Discos e Livros
GUARATUBA
Odara Cafés Especiais
LONDRINA
Kings Café & Bar Londrina
Nosso Sebo
Olga A Livraria da Cidade
MARINGÁ
Kings Café & Bar Maringá
Tamura Café Especial
The Kingdom
MORRETES
Meu Pé de Serra Café
Solar de Morretes Hospedaria
Casa 1915 Pousada
PATO BRANCO
Alexandria Livraria e Cafeteria
PINHAIS
Café com Lente Jardins
Estação Curitiba Café
PONTA GROSSA
Cripto Cultural
Phono Pub
Sebo Espaço Cultural 1
Sebo Espaço Cultural 2
Verbo Livraria
SÃO JOSÉ DOS PINHAIS
Sebo da Visconde
SARANDI
Espaço Musical Roberto Rezende

Pernambuco
CACOAL
PETROLINA
Café de Bule
RECIFE

Borsoi Café
Café Celeste Casa Mendez
Livraria da Praça Livraria do Jardim
Livraria Pó de Estrelas
Releitura
GRAVATÁ
Casa Mendez

Piauí
TERESINA
Café Quatro Estações
Rio de Janeiro
BÚZIOS
Maria Maria Café
CABO FRIO
Sebo do Lanati
DUQUE DE CAXIAS
Tecendo uma Rede de Leitura
MACAÉ
Sebo Cultural Livraria & Cafeteria
NITERÓI
Livraria Ponte
NOVA FRIBURGO
Dona Emília Books
Genipapo Livraria
NOVA IGUAÇU
Baixada Literária Comunitária Judith Lacaz
PARATY
Livraria das Marés
Livraria de Paraty
Livraria Muvuca
Mar de Leitores
Montañita Cafés Especiais
RIO CLARO
Empório Rôze
RIO DE JANEIRO
Biblioteca Marginow
Blooks Livraria
Capitu Café Casa 11 Sebo e Livraria
Casa Marx
Jacaré Livros
Livraria Alento
Livraria Berinjela
Livraria Ceci
Livraria e Edições Folha Seca
Manga Rosa Café
Marofa Bar
Patas Café
Pequeno Lab
Solar dos Abacaxis
Triuno Livraria
TRÊS RIOS
Livraria Favorita
VOLTA REDONDA
Beleléu Comics
Diadorim Livros e Idéias Pontual Shopping
Livraria Flamingo

Rio Grande do Norte
NATAL
Sebo Cata Livros
Sebo Rio Branco
PARNAMIRIM
Kave Casa Literária

Rio Grande do Sul
BENTO GONÇALVES
Dom Quixote Livraria e Cafeteria
Paparazzi Livraria
CANELA
Empório Canela
CANOAS
Pandorga Livros
CAPÃO DA CANOA
Livraria Praiamar
CAXIAS DO SUL
Do Arco da Velha Livraria & Café
ERECHIM
Agridoce Livraria e Sebo
GRAMADO
Mania de Ler Bookstore
PORTO ALEGRE
Ábaco Distribuidora e Livraria
Brasa Editora Livraria e Bar
CirKula Editora, Livraria e Café
Livraria Clareira
Livraria Paralelo 30
Macun Livraria e Café
Nerdz
Rede Beabah
Sebo Fulô
Sonda Pop Store
Ventura Livros
Via Sapiens Livraria & Editora
Zine Bar & Livraria
SANTA MARIA
Livraria e Grife UFSM
SANTANA DO LIVRAMENTO
Ponto do Livro
SÃO FRANCISCO DO SUL
Miragem Livraria

Rondônia
CACOAL
Nostalgia Sebo e Livraria
PORTO VELHO
Sebo Entrelinhas

VILHENA
Dom Quixote Livraria

Roraima
BOA VISTA
Cafeteria Barracão do Poeta
Flying Fox Café

Santa Catarina
BALNEÁRIO CAMBORIÚ
Acaia Café ArtHouse BC
Cápsula Livraria
BLUMENAU
Rocinante Sebo
CAÇADOR
Livraria Selva Literária
CHAPECÓ
Humana Sebo & Livraria
CRICIÚMA
Sebo Alternativo
FLORIANÓPOLIS
O Barbeiro e O Poeta
Sebo Ivete
JOINVILLE
Ambiente Arejado
Casa 97
Koda Café Bistrô
Salvador Vegan Café, Livros e Discos
LAGES
Livraria Sebo Marechal
PORTO UNIÃO
Porto Presentes Papelaria
SÃO BENTO DO SUL
Dom Quixote Livros
TUBARÃO
Consulato Livraria
VALINHOS
Livraria Armazém

São Paulo
AMPARO
Livraria Maria & Francisca
ARARAQUARA
Livraria Murad Sebo
BOTUCATU
Sebo Alfarrábio
CAMPOS DO JORDÃO
História sem Fim
CAMPINAS
Café Arte & Cultura
ESTRELOTECA Biblioteca Comunitária
Iluminações Livraria
Livraria Candeeiro
Sabiá Discos
Sebo Porão
Sebo Contracultura
Sebo das Andorinhas
COTIA
Livraria 3x4
DIADEMA
Sebo Campanário
FRANCA
Almanaque Livraria e Sebo
GUARULHOS
Guarulivros
ILHA COMPRIDA
Pousada Canto da Ilha
ITATIBA
Livraria Toque de Letras
ITUPEVA
Livraria e Sebo Pedras Preciosas
JUNDIAÍ
Livraria Leitura
MOGI-MIRIM
Banca do Sardinha
MONTEIRO LOBATO
Livre Livraria
PENÁPOLIS
Arcana Sebo e Taverna
PIRACICABA
Sebo do Formiga
POÁ
Rara Books Livraria
RIBEIRÃO PRETO
A Degustadora de Histórias
Livraria da Travessa Ribeirão
SANTOS
Livraria Sol e Lua
Realejo Livros
SANTO ANTÔNIO DO PINHAL
Livraria Mantiqueira
SÃO BERNARDO DO CAMPO
Mandú Café
SÃO CAETANO DO SUL
Casa das Ideias
SÃO CARLOS
Livraria EDUFSCAR
SÃO JOÃO DA BOA VISTA
Bonnie Book Livraria & Café
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
Livraria Casa Nynho
Livraria do Espaço
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
Livraria Mantiqueira
Livraria e Papelaria Amo Ler Oriente
Livraria Planalto



5 PAÍSES
132 CIDADES
442 PONTOS

SÃO PAULO
A Banca de Livros
Banca Tatui
Bar Balcão
Bibla
Boutique dos Livros
Café Colombiano
Café no Jardim 53
Caledônia Whisky & Co
Casa Brasiliis
Casa Cosmos
Casa de Livros
Cidade de Papel
Circulo Livraria
Clarice Café & Cozinha
Coffee Lab
Comix Book Shop
Diálogos Embalados e Viagens Pedagógicas
Espaço Sophia
Flanarte Livraria
Instituto Sarath
La Libreria
Livraria Bandolim
Livraria Cabeceira
Livraria Caraibas
Livraria da Tarde
Livraria das Perdizes
Livraria Footnoir
Livraria Lovely House
Livraria Na Nuvem
Livraria NoveSete
Livraria Ponta de Lança
Livraria Sentimento do Mundo
Livraria Simples
Livraria Tutear
Livraria UNESP
Livraria Zaccara
LiteraSampa - IBEAC
Lop Lop Livros
Mi&Mo Gato Café
Mundos Infinitos
Museu do Livro Esquecido
N'alma Café
Nigra Koro Distro
O Bode Quirino Café e Livraria
O Café da Ponta
Patuá Discos
Patuscada Livraria, Bar & Café
Sabiá Discos
Sebinho da Helô
Sebo Alternativa
Sebo Desculpe A Poeira
Sebo do Messias
Sebo Pura Poesia
Sebo Tucambira
Sebusp Livros
Selecta Livros
Siriema Coffee Roasters
Sissi Café Secreto
sobinfluência
UGRA PRESS
VINHEDO
Sebo Vinhedo

Sergipe
ARACAJU
Livraria Escariz

Tocantins
PALMAS
Sebo da Vovó

Além das fronteiras
ESSEN (ALEMANHA)
Pension Pötters
PUERTO IGUAZÚ (ARGENTINA)
Tao Librería de Iguazú
LETICIA (COLOMBIA)
CUBO Blanco Galería de Arte & Café Cultural
RIVERA (URUGUAI)
Eclipsamor Libros



Trecho de *Maria Auxiliadora Silva: entre o cotidiano e o ritual*

Maria Carolina Duprat Ruggeri

Para Maria Auxiliadora, a arte e a vida estão entrelaçadas, imbricadas. O dia a dia da vida em família, seja no campo, seja na cidade, é transposto em pintura. Acompanhada de seus personagens, ora no trabalho, ora no lazer, ela fala de sua vida cotidiana, do que viu, sentiu e viveu. Em meio à rotina, às alegrias e aos sofrimentos, seus personagens estão sempre acompanhados dos familiares ou dos amigos — não se sente a solidão. As cenas amorosas merecem destaque e, segundo a crítica e curadora Lélia Coelho Frota, constituem um tema predominante, como o das pinturas religiosas. Sabemos que Maria Auxiliadora não se casou, e em suas biografias e nas várias entrevistas que deu, a vida afetiva não é abordada, a não ser com sua família e com os amigos de quem vivia rodeada. Em uma família de 18 irmãos, oito se dedicaram às artes entre a pintura, a escultura, a poesia e a música. A veia artística atravessou gerações: sua avó materna “era sambista e fazia crochê muito bem”, segundo a artista; seu pai era sanfoneiro e a mãe, bordadeira, pintora e escultora, a matriarca de uma família afrodescendente.



Maria Carolina Duprat Ruggeri (1957) mora em São Paulo. É artista plástica, professora e pesquisadora.

Maria Auxiliadora Silva (1935-1974) nasceu em Campo Belo (MG). Pintora e artista autodidata afro-brasileira, mudou-se com a família para São Paulo ainda na infância.